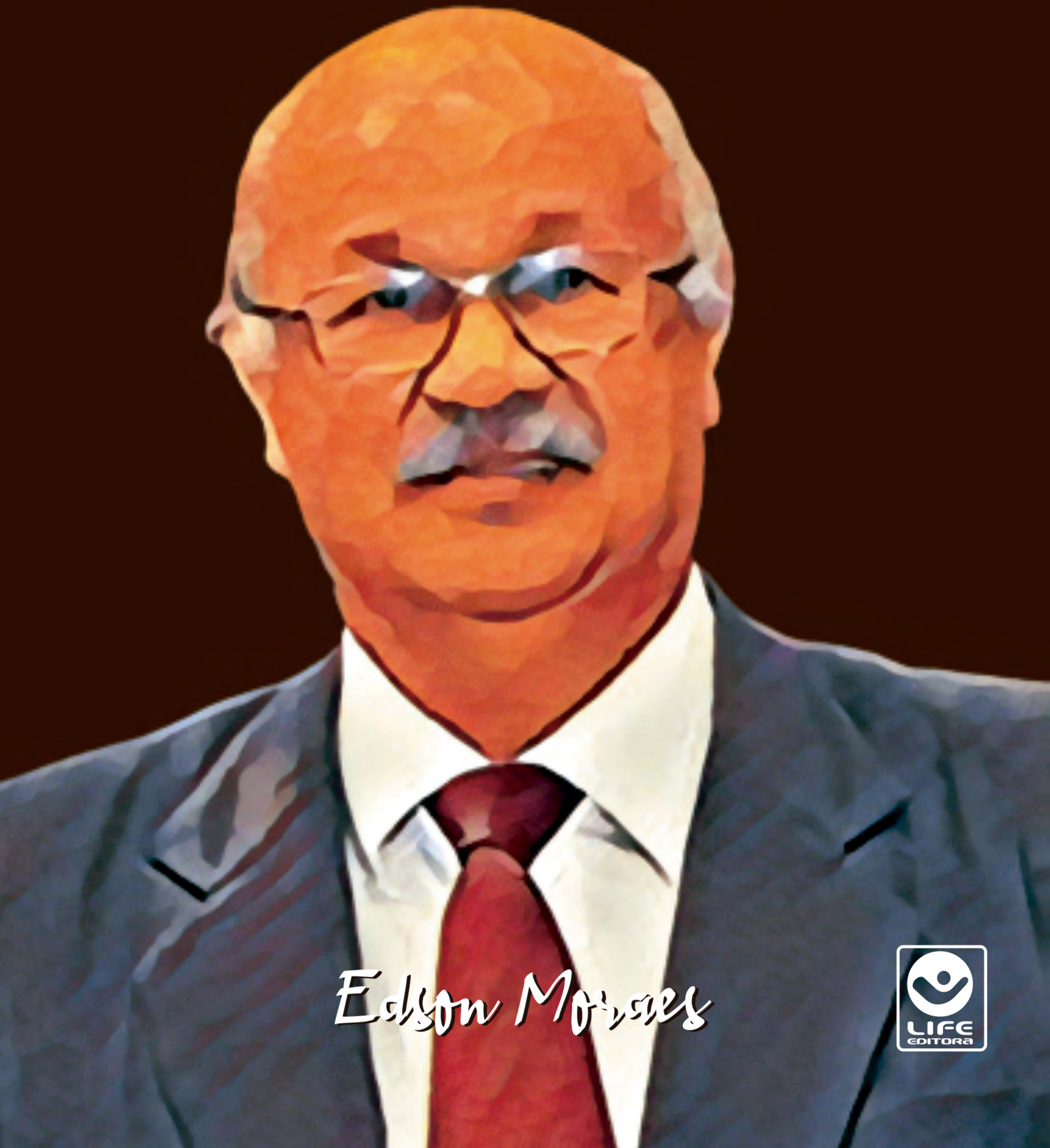


*Um Benedito Guaicuru...  
de Caneta, Chapa e  
Cruz... Maltino*



*Edson Moraes*







O papel utilizado neste livro é biodegradável e renovável. Provém de florestas plantadas que dão emprego a milhares de brasileiros e combatem o efeito estufa, pois absorvem gás carbônico durante o seu crescimento! A tinta utilizada na impressão das páginas é à base de soja, cujo componente é renovável e atóxico que não degrada o meio ambiente.

*Um Benedito Guaicuru...  
de Caneta, Chapa e  
Cruz... Maltino*



1ª Edição - Campo Grande/MS - Brasil - 2023

*Edson Moraes*



Copyright © by **Edson Moraes**

Direitos Autorais reservados de acordo com a Lei 9.610/98

**Coordenação Editorial**

Valter Jeronymo

**Reportagem Fotográfica e Vídeo**

Valmirar Gomes

**Projeto Gráfico**

Life Editora

**Diagramação**

Life Editora

**Impressão e Acabamento**

Life Digital

**Produção/Colaborativa**

Rodrigo Moraes,  
Willams Araújo e  
Paulo Caballero

**Acervo Fotográfico/Créditos**

Esta obra utilizou imagens de Roberto Higa, Valmirar Gomes, Tião Guimarães, Wagner Guimarães, Luciana Nassar, Victor Chileno, Chico Ribeiro, Luiz Walney, Narciso Silva, Renan Silva, Elio Taveira e outros(as) fotojornalistas.



**Life Editora**

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antonio  
CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS  
Fones: (11) 3508-1941 - Cel.: (67) 99297-4890  
contato@lifeeditora.com.br • [www.lifeeditora.com.br](http://www.lifeeditora.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Moraes, Edson

Um Benedito Guaicuru... de Caneta, Chapa e Cruz... Maltino / Edson Moraes –  
Campo Grande, MS: Life Editora, 2023.

150p. : il. : 23 cm

ISBN 978-65-5887-342-6

1. Biografia 2. Mato Grosso do Sul I. Título

CDD - 920

Proibida a reprodução total ou parcial, sejam quais forem os meios  
ou sistemas, sem prévia autorização do autor.

# Prefácio

## *“Uma história de ousadia e idealismo”*

*\*Leocádia Aglaé Petry Leme*

Foi com grande surpresa que recebi o convite, por parte do jornalista Edson Moraes, para fazer o prefácio desta importante biografia. Surpresa, e, ao mesmo tempo feliz, pois me trouxe à lembrança momentos importantes da minha carreira como educadora e gestora da área educacional, em nosso Estado. Mais especificamente, lembrar de uma batalha maravilhosa, na qual tive participação. Afirmo que só foi possível vivenciar esta importante experiência educacional, pelo fato histórico de uma decisão tomada pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, aprovando uma Emenda Constitucional proposta pelo, então deputado Walter Carneiro.

Nos idos de 1979, quando da votação da primeira Constituição do Estado, o deputado havia apresentado uma Emenda criando a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com sede em Dourados, tendo sido rejeitada pela Comissão Constituinte, conforme consta no livro “UEMS 25 Anos”, publicado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em 2019. Inconformado com a decisão da referida Comissão, quando da feitura da Constituição de 1989, o Deputado analisou mais uma vez a legislação e o regimento da Constituinte. E verificou que a mesma proposta poderia ser levada ao plenário da Assembleia, necessitando de dois terços de votos favoráveis para ser aprovada.

Determinado, não teve dúvidas e, como relata, buscou a assinatura de doze deputados para a subscrição da emenda, escrita de

próprio punho, e a apresentou à plenária: “Fica criada a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com sede em Dourados”.

O fato e a proposta acima, reveladores da determinação do biografado, geraram o Artigo 190 da nossa primeira Constituição, mantido na revisão constitucional de 1989, no artigo 48 das Disposições Gerais e Transitórias, e acrescido da previsão que definia o início de funcionamento da universidade no ano letivo de 1992. A previsão, ratificada pelo seu fundador, o governador Pedro Pedrossian, assegurou a implantação desta que é hoje uma das mais importantes instituições do conhecimento, ensino e pesquisa de Mato Grosso do Sul.

Esses traços de ousadia que o distinguem não aparecem apenas neste ato, mas em toda a sua biografia, demonstrada, de imediato, no sugestivo título da obra: “Um Benedito Guaicuru, de Caneta, Chapa e Cruz...Maltino”. E não tenho dúvida de que o momento de sua história, acima relatado, representa, muito bem, a parte de caneta, pois não fosse esta, com certeza não teríamos esta importante Instituição e não seria eu a pessoa escolhida, o que muito me honra, para fazer o Prefácio deste livro. Por oportuno, agradeço de coração, – como participante da implantação da UEMS, em 1994, e sua ex-reitora –, poder, mais uma vez, publicizar estes fatos, neste momento, em uma obra que relata a vida de pessoa tão importante e merecedora de destaque na história de nosso Estado.

Outra questão importante a ser destacada nesta obra, considerando outra parte esclarecedora do título, “Benedito Guaicuru de Chapa e Cruz”, é o fato de expor a complexidade do momento de criação do nosso Estado, bem como a participação de Cuiabanos e Campo-grandenses nessa criação. Nosso biografado representa, exatamente, a soma desses dois sentimentos, pois embora seja Cuiabano de Chapa e Cruz, de nascimento, fez opção por Mato Grosso do Sul, identificando-se como um guaicuru, com profundas ligações afetivas e profissionais com nosso estado, especialmente com a cidade de Dourados onde optou residir, exercer

sua profissão de médico veterinário e também dedicar-se à política, cumprindo dois mandatos de vereador e três de deputado estadual.

Caros leitores, tenho certeza que a leitura desta biografia lhes trará a lembrança de momentos muito importantes, descritos e contados a partir da infância do biografado, até agora, e os farão acessar o conhecimento de fatos relevantes da história destes dois estados irmãos, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, pois a história do grande homem biografado, Walter Carneiro, é o retrato fiel de como as coisas aconteciam antes e logo após a divisão. Nossos jovens de hoje, sendo que muitos deles frequentam nossas Universidades, em especial a nossa UEMS, precisam conhecer esta história, para perceber que as dificuldades que hoje existem, já existiam, anteriormente, e que, nem por isso, as pessoas determinadas desistiam de seus sonhos.



+**Leocadia Aglaé Petry Leme**, professora, secretária de Educação(1991/1994) e Reitora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Uems), de 1995 a 2003. Este texto foi concluído e incorporado ao conteúdo do livro em 1º de novembro de 2021, pouco mais de três meses antes de seu falecimento, que aconteceu no dia 20 de fevereiro de 2022.





## À Guisa de Prefácio

*“Testis temporum” (testemunha do tempo)* – Cícero (Lema do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso do Sul).

Comumente o prefácio é utilizado como parte introdutória de uma obra e destina-se a oferecer, ao leitor, uma indicação relativa ao livro que lhe é apresentado. Entendo que, no caso presente, ele poderia até ser dispensado, já que a clareza com que o autor deste trabalho nos leva a conhecer um pouco da vida de uma figura por todos reconhecida como um homem de bem, exemplar cidadão e, sobretudo, grande cristão.

A experiência, competência e dedicação desse jornalista/escritor ao se manifestar nesse notável trabalho, fruto de paciente pesquisa, escrito com sua pena leve e objetiva nos leva, agora, a não só conhecer o homem como também parte da própria história do nosso Mato Grosso do Sul.

Um dito, uma ação, uma palavra ou uma frase, às vezes marcam a gente e ficam se repetindo, com insistência em nossa mente.....

Na homilia de uma missa dominical o sacerdote destacou, com muita felicidade, uma frase, não sem antes admitir que, para o melhor entendimento de todos, ele iria **“inventar”** uma palavra: **“fazedores”**. E continuou dizendo “Eu, você, nós, somos **fazedores** de história”. Explicou que, a cada dia da vida, cada um de nós, a seu modo e até sem se dar conta, está fazendo história. E essa história será contada simplesmente no âmbito da família e talvez compartilhada com amigos mais íntimos.

Refletindo, permiti-me aproveitar a lição e o ensinamento para um despretenso adendo: fazendo a nossa história, mal sabemos que ela (ou parte dela) **pode deixar de ser nossa história** para ser **parte da história**, ou seja, deixaremos de ser **“fazedores”** **DE** história para sermos **“fazedores”** **DA** história.

Algumas pessoas, talvez pela modéstia, buscam ignorar essa realidade por preferir que sejam reconhecidos como mais um dos seus iguais que, tanto quanto eles, preferem abrigar-se no anonimato da história. Basta-lhes tão somente ver e acompanhar os bons resultados daquilo que, sabem, fizeram ou ajudaram a fazer.

No entanto alguns desses, seja pelo seu trabalho, pela sua dedicação, pelo seu amor à causa pública, pela firmeza de suas convicções, pela sua lealdade não conseguem - mesmo que queiram - passar despercebidos e mais dia menos dia, são reconhecidos pela história.

Conhecemos um desses: jovem ainda, deixou sua terra natal, a “VETUSTA Cuiabá” – como diria Dom Aquino Corrêa, misto de sacerdote, político, escritor e honra das letras mato-grossenses – para após concluir um curso superior, na então capital da República, retornar ao seu torrão natal e ali aplicar os conhecimentos decorrentes de sua formação.

No vasto Estado de Mato Grosso decidiu fixar residência numa cidade que despontava para o futuro e, na sua visão, lhe oferecia condições de progredir na profissão escolhida.

Mal sabia o papel relevante que lhe estava reservado. Prosperou o movimento divisionista e, em decorrência disso, nasceu um novo Estado - Mato Grosso do Sul - cuja história o jovem **Walter Benedito Carneiro** ajudaria a escrever com dedicação, entusiasmo e afincos, qualidades que sempre marcaram os seus trabalhos.

As bem alinhavadas páginas deste livro descrevendo com riqueza de detalhes seus feitos, sua trajetória política e seu ingresso na vida pública, motivado pela vontade de servir o povo de Dourados que tão bem, e de forma fraterna, o recebeu.

Elegeu-se, por duas legislaturas, para a Câmara Municipal onde, cumpridos os mandatos e com seu nome já conhecido em grande parte do Estado, mereceu a consagração que lhe garantiu o mandato de Deputado, então Constituinte e, após a promulgação da Constituição Estadual, Deputado Estadual.

Começava, em sua vida uma nova jornada que, sabia, não

seria fácil. Estava porém preparado seja pela sua cultura, seja pela vivência de duas legislaturas no parlamento municipal.

Foi no parlamento sul-mato-grossense que o conheci e passei a admirá-lo, pois via ali surgir um líder vindo da segunda maior cidade do Estado. Com efeito, já na chegada ao parlamento guaicuru foi escolhido, por seus pares, líder da bancada da Arena (Aliança Renovadora Nacional).

Desenvolto, estudioso, conciliador, hábil político, logo cativou seus colegas de parlamento que respeitavam suas colocações feitas em plenário ou fora dele e, de forma regular, o convocavam a participar das principais comissões, seja como membro ou mesmo como “consultor informal”.

Seu trabalho responsável e pertinente na elaboração da nossa primeira Constituição foi logo reconhecido, como se poderá constatar ao longo da leitura deste livro.

O jovem que havia deixado seu Estado para continuar seus estudos no Rio de Janeiro, preocupava-se com o futuro de tantos que, como ele, tiveram que estudar longe de casa, com sacrifício para si e seus familiares. Isso fez com que, já na Assembleia Constituinte empunhasse a bandeira da educação.

Sua contribuição à Assembleia Constituinte quanto à Assembleia Legislativa foi relevante, destacando-o, dentre seus pares, em que pese ser um Deputado de primeira legislatura (estadual) e, portanto um “novato” na Casa.

Atuou com desenvoltura e conhecimento pelas diversas comissões permanentes e temporárias formadas naquele sodalício, tendo contribuído, de forma relevante, com valiosos pareceres que, em geral serviam de norte a orientar os colegas de comissão e aqueles que, no plenário, decidiam o destino das proposições.

No dia 13 de junho de 1979 é promulgada a primeira constituição do Estado de Mato Grosso do Sul. A data de promulgação dessa Constituição sugerida pelo então Presidente do Poder Constituinte, deputado Londres Machado, estudioso de nossa história, objetivava lembrar a Retomada de Corumbá, episódio marcante

da Guerra do Paraguai.

Instala-se, então o Poder Legislativo e, a exemplo do que fez na constituinte, continuaria seu trabalho colaborando efetivamente, com suas ideias, discussões e proposições para a construção do arcabouço jurídico que garantiria o desenvolvimento e crescimento do nosso Estado, num clima de ordem e tranquilidade.

Lembro que, após eleito em 1978 para sua primeira legislatura, pôs seu nome à disposição do eleitorado para a reeleição em 1982 e 1986. Foi vitorioso em ambas, mercê do trabalho consciente e responsável desenvolvido ao longo de sua permanência na Casa de Leis.

Tendo como lema o trabalho e consciente de sua responsabilidade com o povo, a labuta contínua e profícua fazem com que deixe marca indelével nessas passagens na nossa Casa de Leis.

No ano de 1988 (5 de outubro) nosso País ganha uma nova Constituição que, no artigo 11 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, outorgou às assembleias legislativas estaduais poderes constituintes, determinando que, no prazo máximo de um ano, os estados adotassem uma nova Lei Maior. Isso fez com que o nosso biografado fosse, pela segunda vez, um constituinte.

Aproveitando a oportunidade ímpar que lhe era oferecida, com maior vigor continuou sua luta voltada à criação da Universidade estadual que teria como sede a cidade de Dourados.

Batalhou incessantemente para alcançar esse objetivo, seja através de pronunciamentos e discussões em que apontava a necessidade e oportunidade da aprovação de seu pleito, como de um trabalho contínuo desenvolvido junto aos parlamentares, autoridades e sociedade.

Dai partiu para a ação, apresentando uma emenda ao projeto de Constituição, criando a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com sede em Dourados.

A análise preliminar da emenda, na Comissão de mérito resultou, para Wallter Carneiro, numa grande decepção, eis que os membros da comissão entenderam que a existência de uma Uni-

versidade no Estado, que tinha sua sede em Campo Grande, era suficiente para atender todo o Estado. O parecer da Comissão foi, em consequência, contrário à emenda.

Isto, entretanto, não o esmoreceu: pelo contrário, fez crescer em seu interior a ideia que tentava aprovar e que julgava oportuna e necessária.

Estudioso e conhecedor do Regimento Interno, encontrou a guarida legal para oferecer novamente, desta vez ao plenário, a mesma proposta feita em 1979, criando a universidade estadual com sede em Dourados e acrescida da previsão para que entrasse em funcionamento no ano letivo de 1992.

O plenário da constituinte rendeu-se aos seus argumentos e à sua persistência, aprovando a emenda que transformou-se no artigo 48 do Ato das Disposições Constitucionais Gerais e Transitórias, texto que obrigatoriamente faz parte da Constituição.

Os anais da Assembleia - seja Constituinte ou Legislativa - registram de forma perpétua a sua brilhante passagem pelo parlamento. Ele foi realmente um deputado dedicado, estudioso, responsável e sempre presente.

Seus esforços e dedicação foram coroados pelo voto dos colegas, que o elegeram para presidir a Assembleia no biênio 1983-85. Ele honrou a investidura. Comprovou grande tirocínio administrativo, que resultou em benéficas realizações para o aperfeiçoamento dos trabalhos legislativos e impulsionando a dinâmica de gestão do Parlamento.

Isso, e muito mais, teremos todos oportunidade de conhecer ao folhear esse livro que, traçando a trajetória vitoriosa de Walter Carneiro serve igualmente como repositório de fatos da história de nosso Estado eis que ele, mais que participante, foi verdadeiramente ator em todo esse contexto.

Embora tenha me alongado peço vênias aos leitores para destacar o espírito cristão que sempre marcou a trajetória desse cidadão. Creio que sua acendrada devoção a São Benedito fez com que o Senhor lhe enviasse especial ajuda, colocando ao seu lado

um “anjo protetor” com quem ele dividiu as tristezas e atribulações, comuns no dia a dia, e que, lhe dando forças e incentivo, garantiu-lhe a certeza de dias felizes e risinhos que com alegria e prazer, compartilhava com seu “anjo protetor” aquele que o ajudava a carregar o duro fardo da responsabilidade que obriga o homem público a dividir seu tempo entre a família e o seu trabalho.

Esse anjo tem um nome e o acompanha desde muito e com ele permanecerá até o fim de sua jornada: a senhora Elizete, a quem tributo minha homenagem.

Adentremos, então, à história desse homem que tanto contribuiu, e contribui ainda, com o desenvolvimento de Mato Grosso do Sul e cuja existência serve de motivação e inspiração para todos e que “testemunha do tempo” com todos divide generosamente o conhecimento e a experiência que lhe garantiram um lugar na história deste Estado.

Campo Grande, novembro de 2021.



### **Cleómenes Nunes da Cunha**

Advogado (1963) - Deputado estadual em Mato Grosso por três legislaturas (1967/1979) - Consultor Técnico Jurídico da Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul (1979/2016) - Doutor “honoris causa”, título concedido pela Universidade Católica Dom Bosco (2012).

# Sumário

Capítulo I - Cuiabandade.....	17
Capítulo II - Os arranjos do Mestre Inácio.....	21
Capítulo III - Impulsos para crescer.....	25
Capítulo IV - Novos Saltos.....	29
Capítulo V - Coração e Alma de Estudante.....	31
Capítulo VI - A Ciência Entra em Campo.....	43
Capítulo VII - Vocação de Servir.....	47
Capítulo VIII - A Cena se Repete.....	55
Capítulo IX - A Tinta do Conhecimento.....	61
Capítulo X - Liderança, companheirismo e olhar democrático....	67
Capítulo XI - O Municipalista.....	77
Capítulo XII - O Sino, a Bola e a Vocação.....	85
Capítulo XIII - Olhares de longo alcance.....	95
Capítulo XIV - Amorosa e Renovada Cumplicidade.....	99
Homenagens/Outorgas a Walter Benedito Carneiro.....	111
A Defesa do Pantanal de Mato Grosso do Sul.....	115
Depoimentos.....	117





# Capítulo I - Cuiabanidade



A casa onde Walter Carneiro nasceu, no Bairro Baú.

Cabia o mundo inteiro naquele acolhedor endereço do Baú, um bucólico bairro da acolhedora Cuiabá. Tinha o número 07 da Rua São Francisco, mas com a expansão urbana a composição viária foi redesenhada e ela ganhou outro número, o 21, e outra rua, a Vila Maria. A fabricação de casas obedecia à imaginação doméstica. Eram engenharias artesanais, simples e seguras. E bonitas.

A casa era azul e branca. As paredes eram de barro socado, o tijuco, com quase um metro de espessura. O telhado e as estruturas eram sustentados por armações de aroeira e adobe. Com o andar dos tempos, a casa ganhou novas cores, mas continua naquele mesmo lugar, centenária e convidativa, do jeito típico dos mato-grossenses.

A edificação, além do corredor de entrada e dos quartos para

toda a família, incluídos o vô João Pereira da Silva e a vó Franceline Leite da Cunha, tinha os espaços da alfaiataria do pai, um quintal de 2.400 metros quadrados com plantas nativas e árvores frutíferas, como um pé de jaca e outro de ata. Um poço profundo de 10 metros abastecia a casa e era circundado por um gramado que servia para a brincadeira da criançada e também de pasto para Manduvi, um cavalo do avô, que serviu muitas vezes de montaria para a diversão de Walter e seus irmãos.

A vizinhança cultivava boas e festivas referências daquela morada, de coração e alma tão espaçosa que deram ao alfaiate João Benedito Carneiro e à costureira Lídia Pereira Carneiro a inspiração para abrigar o seu amor e gerar os 13 amores que dele nasceram, oito mulheres e cinco homens. Um traço marcante na identificação da família era a presença do Benedito, tanto na composição dos nomes masculinos como nos “acazos” divinos da geografia urbana de Cuiabá, como a Rua São Benedito e a Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, espaços íntimos da rotina social e religiosa dos Carneiro.

A forte tradição religiosa da cidade impregnava o ambiente familiar. Em junho, por exemplo, era uma festa só para celebrar o aniversário do patriarca João Benedito, no dia 22, e reverenciar a data do louvor católico a São João, no dia 24. E havia outras cenas de festivas saudações, como nas datas de Santa Cecília, em 22 de novembro, do Senhor Menino, em 06 de janeiro, e de São Benedito, no primeiro domingo de julho.



João Benedito Carneiro,  
pai de Walter Carneiro



Dona Lídia,  
mãe de Walter Carneiro



Walter Carneiro em foto com os irmãos e outros familiares



Walter Carneiro e suas oito irmãs: Atil, Azenil, Ail e Adenil em pé - e Arenil, Adail e Adir sentadas

## Capítulo II - Os arranjos do Mestre Inácio

Uma das animadoras musicais dos festejos, a Banda do Mestre Inácio chamava a atenção do menino Walter Benedito de maneira bem singular, acendendo nele a vontade de ser músico. As habilidades do instrumentista o encantavam tanto quanto o exercício de composição do mestre Inácio, que criava as suas músicas batendo os pés no chão para encaixar as notas dos arranjos nas partituras. Toda a Cuiabá admirava aquele músico, que antes de animar as festas ganhava o pão de sua família no árduo ofício de pedreiro. Um cuiabano de chapa e cruz, nascido em 1892, Ignácio Constantino de Siqueira era multi-instrumentista, maestro, arranjador e compositor. Criou a primeira banda civil de Cuiabá, a Lira Operária de Santa Cecília e era ainda um atuante líder comunitário e religioso. Deixou dezenas de obras autorais em ritmos de várias influências e origens, entre os quais as valsas, maxixes, chorinhos, marchas e os rasqueados, que eram seus prediletos. Sua banda, no entanto, apresentando-se em eventos religiosos, políticos, sociais e para públicos de todas as idades e gostos, espriava-se por outros ritmos, entre eles o blues, jazz, foxtrote e bolero. Entre suas composições mais conhecidas estão “Recordando Sempre”, Pega Pra Capá”, “Tanque do Baú” e “Festa no Bandeira”. “

As festas com Mestre Inácio eram muito famosas. Ele tinha um coral de moças e caprichava nos ensaios. A banda entrava na igreja e era recebida com as vozes maviosas daquele coro. Depois vinha o almoço, geralmente churrasco, de graça. À noite, o aguardado baile, que não deixava ninguém parado. A imagem de Mestre Inácio ensaiando com a batida dos pés no chão e o desenho das notas com pena de tinta nas partituras continua viva na memória. O maestro tentou ajudar Walter a realizar o sonho de ser músico. Deu a ele um trompete e começou a ensiná-lo. Mas a tentativa

não avançou. O aluno desistiu. E hoje, décadas depois, revela o grande arrependimento de sua vida: não ter atendido ao chamado do mestre Inácio para aprender a tocar um instrumento, compor suas próprias canções e até reger uma banda.



Mestre Inácio, ao centro, músico multinstrumentista, compositor e líder cunitário do Bairro Baú - Foto MISC

Todavia, nesse panorama de apegos e afetos sociais e culturais, a ampla e rica diversidade das manifestações mato-grossenses se espalhava, oferecida e sedutora, aos olhos e aos sentimentos daquele caçula de 13 irmãos. A música e as festas religiosas e folclóricas tinham poder de afirmação cultural tão consistente quanto a gastronomia. Cada evento desses ou mesmo as refeições caseiras eram ocasiões para saciar-se com as delícias da variada cozinha cuiabana.

As receitas vinham geralmente dos conhecimentos e das tradições que a família fazia questão de preservar e fortalecer, massificando ensinamentos gastronômicos herdados de fontes ancestrais: negros, índios, nordestinos, sulistas, europeus...O dia começava re-

ligiosamente com o guaraná ralado e dissolvido na água. Esta planta, típica da Amazônia, era a matéria-prima de receitas caseiras ou produtos industrializados, como remédios, refrigerantes, sucos e energéticos.

No modo tradicional, as famílias adquiriam o pau de guaraná para ralar e diluir, usando açúcar ou não para ingeri-lo com água. Era uma receita “tiro e queda” contra falta de apetite, cansaço e desânimo. Entre o feijão, a mandioca, a banana, o maxixe e outros incontáveis produtos da culinária regional, uma das pedidas prediletas era o peixe. Para quem nunca sequer pegou num anzol, o apetite inusitado do caçula dos Carneiro abraçava sugestões irresistíveis, como a ventrecha de pacu frita, o assado de piraputanga e a mujica de pintado.



Walter vereador discursa, tendo o Senador Saldanha Derzi entre as autoridades.





## Capítulo III - Impulsos para crescer



A antiga Escola Modelo Barão de Melgaço, aonde Walter fez o primário, hoje Palácio da Instrução.

Valores e práticas familiares, trabalhar, estudar, compartilhar, conhecer, respeitar, cumprir a palavra empenhada, nunca se aposar do que não lhe pertence e cuidar do próximo foram exemplos e lições que a prole de “seu” João e “dona” Lídia aprendeu em criança e ficaram gravados nos livros da vida de cada um dos 13 irmãos. Quando os filhos entraram em idade escolar e começaram a dar os primeiros passos fora de casa, já eram cristalizadas dentro de si essas práticas de comportamento pessoal e convivência humana.

Walter tinha sete anos quando foi matriculado na centenária Escola Modelo “Barão de Melgaço”, hoje Palácio da Instrução, para fazer os cursos Primário e de Admissão ao Ginásio. Criado por decreto do governador Pedro Celestino em 20 de agosto de 1910, o estabelecimento teve entre seus alunos várias personagens importantes da constelação social, política, cultural e profissional de Mato Grosso, entre os quais Benedito Cerqueira Caldas, Oscar Ribeiro, Paulo Henrique Villa e Gabriel Novis Neves.

Um dos nomes realçados no melhor dos acervos humanos do Estado, Novis Neves é médico e especialista nas questões de saúde, mas se sobressaiu também em outras áreas, na educação e na política, como agente transformador, humanista e de vanguarda. Secretário de Educação no primeiro governo de Pedro Pedrossian (1968-70), foi o primeiro reitor da Universidade Federal de Mato Grosso (1971-82). A Escola Modelo passou a denominar-se Barão de Melgaço a partir de 1983, com a transferência de suas instalações da Rua Galdino Pimentel, no Palácio da Instrução, para a Avenida Dom Bosco, no Bairro Dom Aquino.

Os passos em busca do conhecimento foram abrindo novos endereços para o aplicado estudante Walter Benedito Carneiro. Após concluir o Primário e a Admissão ao Ginásio, e já com 16 anos, foi estudar no Liceu Salesiano São Gonçalo, avançando em seguida para o Científico, no Colégio Estadual de Mato Grosso. Era uma temporada de primeiras vezes. E com ela vieram os primeiros empregos, aos 16 e 17 anos, na Distribuidora Fontoura e na **Pharmácia** Rabelo, de Ênio Vieira.

Walter estava com 17 anos quando sofreu o baque doloroso da morte do pai. A mãe assumiu as rédeas na criação da filharada. O caçula da “dona” Lídia foi premiado com uma atenção extra, depositada pelo patrão, Ênio Vieira, que o tratava como se fosse um filho. Decidiu ajudá-lo a abrir seus próprios caminhos. Era um homem de prestígio e conhecido na cidade. Presidiu o Banco do Estado, chefiou a Superintendência Regional da Caixa Econômica Federal e dirigiu a Arena (Aliança Renovadora Nacional), partido político que dava sustentação ao governo militar. Ênio fazia questão de levar Walter a festas e eventos, apresentando-o para pessoas de seu círculo de relações. Sentia-se feliz vendo seu jovem e estudioso funcionário abrindo portas promissoras de futuro.



Walter Carneiro e a turma de formandos do Liceu São Gonçalo, em 1957, na Chapada dos Guimarães



Walter Carneiro e colegas do Científico, que cursou na Escola Estadual de Mato Grosso, em 1959



Walter Carneiro com o primeiro patrão,  
amigo e incentivador Ênio Vieira



O Palácio da Instrução, que já foi a sede da antiga Escola Modelo.

## Capítulo IV - Novos Saltos

Inquieto, preocupado com os dias que viriam e com a sua formação, o menino que queria ser músico viu ser preciso aprimorar os conhecimentos e buscar seu espaço nos bancos universitários. Em Cuiabá só havia na época um curso de terceiro grau, o de Direito, para o qual não tinha vocação. Raciocinou com a lógica de sua realidade. Trabalhava em uma empresa farmacêutica. O natural, então, era fazer Farmácia. Ou buscar outras alternativas.

A Cuiabá de Ênio Vieira havia proporcionado os primeiros impulsos de oportunidades no trabalho e nos estudos. Mas novos saltos seriam necessários. Estava chegando a hora de ir além das fronteiras afetivas e geográficas que o envolviam. Hora de despedir-se dos abraços da família e da vizinhança, das festas da casa do Baú, das pisadas partituras do Mestre Inácio, do atencioso olhar do patrão Ênio Vieira, do peixe frito com arroz branco e pirão, do suco de guaraná ralado, da carne picada com mandioca, dos ritos devocionais a Benedito, João, Pedro, Antonio e outros santos católicos.

Era 1960. A voz do futuro chamava. Em tom de desafio, imprevisível, mas sedutor. Em 1962, conseguiu uma passagem para embarcar em um avião da FAB. O destino: Rio de Janeiro. Na bagagem, uma embalagem com guaraná ralado, em pó. No Rio não havia nada disso. No bolso, uma carteira de poucos trocados e uma pequenina imagem de papel de São Benedito, presente da mamãe. Foram 24 horas de viagem. No trajeto, a aeronave fez escalas em Rondonópolis, Brasília e Belo Horizonte. Em Brasília, aonde almoçou, viu a cidade ganhando suas formas modernas e bem planejadas, recém-saída do útero das planilhas de Oscar Niemayer e Lúcio Costa.

No Rio, procurou um tio, Urias, que tinha um apartamento,

em Copacabana. Logo que chegou não demorou a perseguir dois objetivos essenciais: um emprego e o acesso ao ensino superior. Encontrou portas abertas para trabalhar na empresa de automóveis Belacap, indicado por Ênio Vieira. O ex-patrão e amigo também havia feito mais uma das suas: usou seu leque de relações para pedir a amigos da Cidade Maravilhosa uma chance para que o jovem cuiabano pudesse demonstrar suas qualidades.

Enquanto trabalhava, entregava-se à escalada do crescimento intelectual e científico. Inscreveu-se nos vestibulares oferecidos no Estado. A tentativa começou a prosperar quando resolveu fazer o cursinho de pré-vestibular do Instituto Gallotti Kehrig, na Cinelândia. Como seu expediente na Belacap era o dia todo, ficava sem tempo para cumprir o regime horário das atividades do curso. Ligou para a mãe e a sábia “dona” Lídia o orientou a entregar uma carta ao superintendente da Mesbla. A orientação foi seguida e a sugestão materna funcionou. A Mesbla o contratou para serviços no período matutino.

No cursinho, um de seus amigos, José Carlos de Abreu, que também era de Cuiabá, o convidou para fazer o exame vestibular de Medicina Veterinária, em Niterói. Convite aceito e ambos passaram na prova. Antes de fazê-la, o devoto Walter rezou para uma imagem de São Benedito. Era um presente da mamãe que carregava em sua carteira. Com a matrícula feita na Universidade Federal Fluminense (UFF), encerrava-se mais um capítulo da jornada pela formação científica. E já em seguida outro capítulo se iniciaria, já como acadêmico.

As aulas do curso eram das 17h as 23h. Era preciso ter pressa e fôlego para vencer a distância e os embaraços de ida e volta entre Copacabana, na cidade do Rio, e a UFF, em Niterói. Para voltar, a aventura noturna de segunda a sexta: era preciso tomar a barca das 23h, que zarpava às 23h10m e fazia em 70 minutos uma travessia que normalmente durava 40 minutos. Para não perder o horário e ter que esperar mais uma hora no embarcadouro, Walter e os amigos que moravam no Rio saíam da faculdade em corridas aceleradas. Uns derubavam livros, outros tropeçavam entre si. Ninguém queria chegar tarde em casa e ter que acordar bem cedo para trabalhar.

## Capítulo V - Coração e Alma de Estudante

A rotina dos dias úteis era, basicamente, trabalhar e estudar. Saía da Mesbla às pressas para almoçar e saboreou muitas refeições no antológico Restaurante Central dos Estudantes, o antológico Calabouço, na Avenida Infante Dom Henrique, perto do Aeroporto Santos Dumont. O restaurante pertencia ao Ministério da Educação, mas era administrado pela União Metropolitana de Estudantes (UME). Foi criado para oferecer comida barata a alunos de baixa renda e transformou-se numa base de mobilizações para atos de resistência ao regime militar.

Após o almoço, deslocava-se às pressas até à Praça XV para tomar a cantareira [*barca que era o único meio de transporte marítimo entre o Rio e Niterói*]. Depois, de ônibus, seguia para a faculdade.

Além do apartamento do tio em Copacabana, morou em outros endereços na Lapa, Laranjeiras e até em Niterói, aonde dividiu quarto com Getúlio, um colega cuiabano.

O que não faltava no Rio era estudante de Cuiabá nessa época. Os cuiabanos eram majoritários e dominavam uma entidade, a Associação Mato-grossense de Estudantes (AME), sobrepujando os oriundos do sul de Mato Grosso, principalmente das cidades de Campo Grande, Dourados e Corumbá. A AME, criada por acadêmicos, foi um dos importantes núcleos de convivência e atividades desses jovens nos turbulentos anos 1960. E serviu para pontuar como uma das experiências de Walter Carneiro no ativismo juvenil.

Integrar a diretoria da AME era um carimbo de prestígio. Embora comprometido com os exigentes afazeres do trabalho e dos estudos, Walter era uma das presenças singulares da faculdade. Desfrutava do respeito e da consideração dos colegas. Não por acaso, acabou sendo secretário-geral da entidade. Naqueles “anos de



chumbo”, com forte repressão às manifestações civis, os estudantes se dividiam entre a agenda escolar e as mobilizações.

Além da AME e da Casa do Mato Grosso, uma espécie de refúgio social e político dos “estrangeiros” do Centro-Oeste na Avenida Rio Branco, outra significativa referência da sua trajetória estudantil foi a corajosa – e de certa maneira casual – investidura na visada e perseguida trincheira das organizações de universitários que atuavam na vanguarda de oposição ao regime. Uma delas era o Diretório Acadêmico Vital Brazil Filho (DAVBF), da Faculdade de Medicina Veterinária de Niterói. Walter foi um de seus dirigentes naquela histórica quadra política do País.

Meados da década de 1960, o reitor Manoel Barreto Neto e o professor Domingo Abbes, diretor da Faculdade, davam posse à diretoria do DAVBF. Walter era o vice. O presidente, José Jaline de Azevedo, deixou o cargo pouco depois de assumir, alegando problemas particulares, e Walter o substituiu. Presidia o diretório em 1964, quando os militares derrubaram o presidente João Goulart e tomaram o poder. A rigor, por seu sistema de funcionamento, com aulas entre o fim de tarde e à noite, a faculdade não seria tão molestada pela repressão.

Em princípio, os discentes da faculdade cumpririam o horário escolar das 17h às 23h e não teriam tempo para fazer política. A faculdade mais engajada nos protestos era a de Serviço Social, com grande presença feminina. Vez por outra a Polícia Militar ou o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) intervinha, havia escaramuças com os estudantes, as forças oficiais fechavam a escola, o diretório reabria e o abre-fecha se sucedida.

Mas o DAVBF teve seus atropelos. Certa vez seus estudantes foram chamados por outros diretórios para fazer uma greve geral das universidades fluminenses. Para decidir se aderiam, Walter convocou uma assembleia-geral. No calor elevado das discussões chega o diretor da Faculdade, Domingos Abbês, e manda avisar Walter que queria falar. O presidente do diretório condiciona: “Só se os estudantes, em votação, autorizarem”. A votação foi infla-

mada e a maioria autorizou Abbês a usar da palavra, com prazo cronometrado e controlado de cinco minutos.

Homem de bons princípios e retórica eloquente e cerimoniosa, Abbês consumiu quatro minutos de seu tempo só com as saudações. Foi alertado que lhe restava um minuto apenas. Começou a argumentar, mas o prazo expirou e Walter cortou o som do microfone. Foi aplaudido em pé pelos colegas. A plenária se encerrou com os estudantes aprovando a adesão à greve geral, decisão lavrada em ata e assinada pelos participantes.

Nos dias seguintes o Deops intimou um dos estudantes a depor e exigiu a ata da plenária que decidiu pela greve. Uma intimação dessas era então algo apavorante. Aflito, o intimado procurou o presidente do diretório. Walter o orientou a dizer a verdade, informando que todos os estudantes, em assembleia-geral, haviam tomado a decisão e que por isso a faculdade não abriu as portas. Ao mesmo tempo, Walter providenciava o envio de cópias autenticadas da ata à autoridade policial. A lógica sugeria: se houvesse uma punição, todos os alunos deveriam ser punidos. O estudante depôs e foi liberado. Com a postura firme e as razões alinhadas pelo líder acadêmico, o diretório não sofreu quaisquer retaliações, nem os estudantes.

Em novembro de 1967, os alunos da turma de Veterinária fizeram uma excursão à Argentina e Uruguai. Na ida, provaram da desagradável experiência: um ato de racismo em Porto Alegre. Walter e outros colegas afrodescendentes foram proibidos de adentrar em uma boate da capital gaúcha. A confusão foi estabelecida, com protestos e indignações, porém sem violência e até rendeu, depois, gargalhadas e o sabor de aumentar a coleção de episódios que marcaram a saga acadêmica. Os remanescentes da turma lembram-se desta e de outras aventuras quando se reúnem nas festas de reencontro que fazem periodicamente em Niterói, geralmente na última quinta-feira de novembro. A primeira dessas reuniões aconteceu em 1972, organizada por Fernando Caetano Lopes. Os encontros eram combinados por carta. O mais recente, em 2019,

um ano antes de eclodir a pandemia da Covid-19, foi em um almoço. Em 2017 eles festejaram o cinquentenário de formatura.

Durante os seis anos que passou no Rio, Walter só saiu duas vezes para visitar a família em Cuiabá. O dinheiro era escasso e a viagem muito longa e rápida. A prioridade maior era manter o foco nos estudos. E tal determinação foi coroada quando chegou o dia 19 de dezembro de 1967. A Turma “Senador Atílio Fontana”, com 39 acadêmicos – seriam 40, não fosse o falecimento de Moacyr Rodrigues Pereira Filho –, apresentava-se, engalanada, na Reitoria da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense para a solenidade da colação de grau. O culto de Ação de Graças na Igreja Evangélica de Niterói, o Ato de Despedida, o decerramento de placa comemorativa, uma missa solene e a bênção dos anéis no Templo Nacional das Almas, em Icaraí, assinalaram a data que fechava um ciclo e abria outro na vida daqueles profissionais da saúde.

Na formatura, foram homenageados o estudante Moacyr Rodrigues Pereira Filho (*in memoriam*), o reitor Manoel Barreto Netto, o diretor Domingos Abbês, o patrono Senador Atílio Fontana, o paraninfo Ary Loureiro Accioly, os mestres Jefferson Andrade dos Santos, Lingham Gripp de Moraes, Oswaldo Santiago; e Jayade Machado de Mendonça, José Rangel de Souza Brito, Ruy Brandão Caldas, Eny Emerick, Antonio de Souza Queiroz, Azuhyl Gomes, Frederico Murtinho Braga, Geneville Hermsdorff, Luiz Raimundo Tavares de Macêdo, Mário da Fonseca Xavier, Rodolpho Novelli, Rômolo Cavina, Salomão Vergueiro da Cruz e Waldemar de Castro Fretz.

Receberam seus diplomas estes formandos: Adílson de Aguiar Morgado, Alaece Rodrigues da Silva, Albany Bezerra Guedes, Alípio Cortes de Oliveira, Aloísio Geraldo Tavares da Silva, Almir Garcia de Freitas, Anatalício de Oliveira Martins, Antenor Andrade, Antonio Carlos Santos Ferreira, Akira Homma, Bento Rodrigues de Oliveira, Braz Schettino Neto, Climério Silveira Garcia, Delcácio Joaquim da Silva, Fábio Erthal, Fábio Queiroz dos

Santos, Fernando José Caetano Lopes, Francisco Geraldo Vidal, Guilherme Borges de Souza, Henrique Silva Pardi, Irineu Guedes, Ítalo Balbo Lira, Izidro Marchesan Costa Beber, Jerônimo da Silva, João Gaspar Jardim Collares, Jorge Heggendorn Lôbo, José Carlos Tonolli, José Sant'Anna Filho, José Siqueira Barros, Juran- dy da Silva, Jussuy de Laranjeira Gomes, Lutembergue Vieira de Freitas, Mauro de Carvalho, Miguel da Rocha Correia, Paulo Fer- reira da Costa, Ramiro Fernandes Filho, Renato Moura, Walter Benedito Carneiro e Warley de Mesquita. A Comissão de Festas tinha sete integrantes e Walter era um deles, juntamente com um de seus grandes amigos e colega de turma, Akira Homma, reco- nhecido atualmente como um dos mais respeitados cientistas e pesquisadores do mundo, por sua atuação na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e em campanhas nacionais e internacionais de va- cinação, combate e prevenção de epidemias.

O diploma nas mãos foi a chave para Walter Benedito Car- neiro abrir as portas do seu futuro profissional e financeiro, poden- do operar o próprio destino. Além disso, honraria as atenções e os conselhos do “seu” João Benedito e da “dona” Lydia, alegrando a família e retribuindo a confiança e o apoio recebido de Ênio Viei- ra e de todos que nele acreditaram e não se negaram a incentivá-lo na busca de seus sonhos.

**INSTITUTO SANTO ANTÔNIO**  
Rua das Laranjeiras, 539 e 575 — Do maternal ao armarção.  
Internato. Onibus para externato e semi-internato, podendo a  
criança permanecer no semi-internato, das 7 às 19 horas.  
Inglês, diariamente, piano, educação física, danças clássicas, etc.

## **INGLÊS**

Para adultos, principiantes e adiantados e para qualquer fim.  
Professores especializados. Francês, Latim, Matemática e Inglês  
para todas as séries ginasiais. — INSTITUTO PETERSEN — Rua  
Conde do Bonfim, 509 — Tel.: 38-3332 e avenida Nossa Senhora  
de Copacabana, 610 — Sobrado — Tel.: 37-9262 — Escola Pratt.

## **CURSO GALLOTTI KEHRIG**

Edifício Rex — 3º andar — Cinelândia

Medicina — Farmácia — Odontologia

Revisão intensiva a iniciar em 15 de dezembro, às  
14h30m para o Vestibular de 1953. Tel.: 47-4611 —  
de 8 às 14 horas.

Anúncio do Curso Galotti Kherig nos classificados de jornais de 1962



A Faculdade Fluminense de Medicina Veterinária foi fundada em 1936



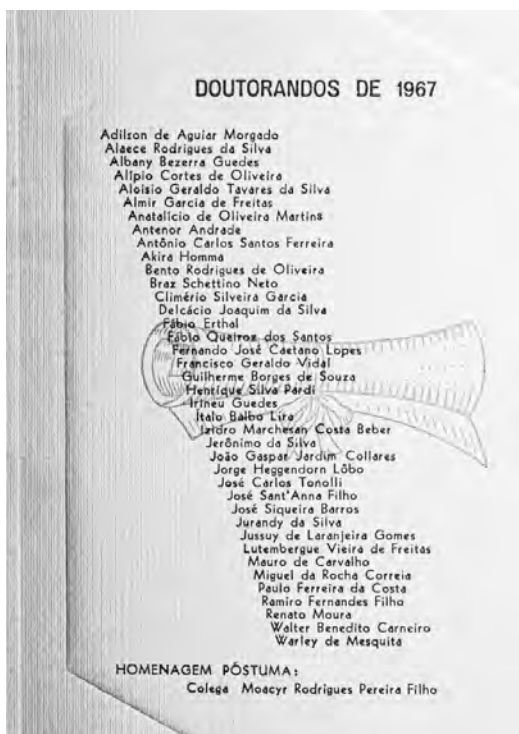
Restaurante Central dos Estudantes, o Calabouço, aonde Walter fazia suas refeições Foto O Globo



Professor Manoel Barreto Neto, reitor da UFF de 1966 a 1970



Turma de Veterinária da UFF em 1967, na excursão para a Argentina



Convite formatura - lista de formandos de Veterinária da Universidade Federal Fluminense, de Niterói, em 1967



Walter Carneiro, em foto oficial da Formatura em 1967



Walter Carneiro com o cientista Akira Homma, da Fiocruz, amigo e colega de faculdade





Walter Carneiro e amigos da UFF, em 2017, na festa de 50 anos da Turma de Medicina Veterinária



Walter Carneiro em um dos encontros da Turma de Veterinária de 1967



Walter Carneiro em um dos encontros de colegas de Faculdade



Ex-alunos de Medicina Veterinária em foto para o Álbum de Recordações.



## Capítulo VI - A Ciência Entra em Campo

Antes de regressar, Walter fez três estágios em 1967. Um para inspeção sanitária animal no **Frigorífico Anglo**, de Barretos (SP), o mais antigo do Brasil, fundado em 1913; e os outros no Rio de Janeiro, no Entrepasto de Pesca da Praça XV e na assistência a pequenos animais na clínica do professor Mário Xavier, em Madureira. E foi esse tipo de assistência sua primeira ocupação profissional logo que chegou em Dourados, após deixar o Rio, em janeiro de 1968. Na cidade já se instalara Wilson Carneiro, o irmão mais velho, nomeado exator fazendário por indicação dos padres salesianos de Mato Grosso. Em abril foi chamado em Cuiabá pela Secretaria Estadual de Agricultura, que o contratou para ficar à disposição da Cooperativa Agropecuária Mista de Dourados.

O titular da secretaria era Maçao Tadano, um douradense que depois se elegeu deputado federal e teve prodigiosa atuação na área econômica. Ele e o diretor agropecuário, Valdebran de Moraes Coelho, conheciam Wilson Carneiro como criador de gado registrado e sabiam que seu irmão caçula era médico veterinário recém-formado. Em 1969, o governo mato-grossense celebrava um convênio com a Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ), uma das mais importantes organizações classistas do agro nacional, e precisava designar um técnico para atuar durante um ano em Uberaba (MG), sede da entidade. Walter foi convidado e não hesitou em aceitar. Partiu no mês de junho daquele mesmo ano.

No mês seguinte, em julho, viveu a emoção única de acompanhar em uma TV preto e branco de um hotel uberabense a transmissão da chegada do Homem na lua. E ouviu várias pessoas afirmarem que as imagens de Neil Armstrong passeando sobre o solo lunar eram montagens ou cenas de ficção cinematográfica. Designado para o Escritório Regional da ABCZ em Campo Gran-

de, era o registrador técnico de zebuínos de origem indiana. De cada animal que nascia, todas as informações iam para um sistema de controle, com a expedição de um certificado, a numeração e o carimbo do caranguejo, a marca da ABCZ. Nesse trabalho incansável e de largo alcance no Estado, cravou marca impressionante no Livro de Registro Genealógico: mais de 10 mil vacas nelore foram registradas de 1969 a 1970.

Foi um divisor de águas para a afirmação registral, genética e de pioneirismo da atividade pecuária em Mato Grosso, abrindo de vez o cenário para a incorporação de tecnologia. Hoje não se registra mais animais sem controle. O Livro de Registro, que era aberto, foi fechado em 1970, mas passou a servir como uma espécie de Bíblia do controle e da certificação dos rebanhos. Com isso, as inovações que beneficiam a genética e aprimoram o sistema de controle deram um elevado grau de qualidade aos criatórios. Um exemplo é a inseminação artificial, que democratizou a criação de gado. As primeiras vacas inseminadas eram de Dourados, depois a prática se estendeu a outras regiões.

Alguns dos maiores pecuaristas locais e nacionais com fazendas de gado em Mato Grosso testemunharam os avanços da economia rural a partir desse período. Entre eles, Eduardo Machado Metello; Rubico de Carvalho; Joaquim Vicente Prata Cunha (Tetente), filho de Torres Homem Rodrigues da Cunha, outro grande criador; João Humberto de Carvalho e outros. O técnico registrador Walter viveu várias aventuras nesse mister. Uma delas foi a imprevisível viagem na caminhonete do governador Pedro Pedrossian, dirigindo, de Miranda a Porto Murtinho. Solavancos e a curta habilidade de Pedrossian ao volante, em uma estrada íngreme e escorregadia por causa da chuva, deram um tempero adicional de adrenalina e suspense na viagem. Mas motorista e passageiro chegaram inteirinhos ao destino, a Fazenda Betione, de Firmino Cortada, cunhado do governador.

Susto maior foi no voo de um monomotor que deveria decolar de uma fazenda do criador Chico Neto, ou Chico Ventania,

filho do selecionador de gado Rubico de Carvalho. A chuva forte deu uma trégua. Contudo, o céu, carregado, prometia mais água. Antes que isso acontecesse, resolveram embarcar. A aeronave não decolou. Pativana e enganchava na lama. Chico e Walter desceram do avião e passaram a empurrá-lo, o motor funcionando. Ao saírem do atoleiro, o piloto acelerou para ganhar impulso e gritou para que os dois embarcassem. A tentativa foi bem-sucedida, mas à custa de improváveis malabarismos.

Além dos registros para a ABCZ, foi intensa também a atividade que exerceu quando começou a clinicar. Fez de tudo, desde operar umbigueira de boi a diagnosticar epidemia, como na vez que evitou um surto de raiva bovina em Caarapó, causada pelo morcego hematófago. Esta foi uma ação rápida e precisa: embalou cuidadosamente o cérebro de um dos bois com suspeita da contaminação e o enviou para análise no Instituto Vital Brazil, em Niterói. Com a suspeita confirmada, as providências tomadas pelas autoridades impediram o surto.

Pela ABCZ percorreu todo interior de Mato Grosso, registrando e participando das exposições, como juiz nos julgamentos de gado e em certames, como os da Leiloboi, da família Guaritá Marques, cujo primeiro leilão aconteceu em Dourados, que tinha um dos melhores rebanhos nelore do País. Entre outros criadores, foi Walter quem fez o registro do primeiro rebanho de Pedro Pedrossian, na Fazenda Petrópolis. Registrou em Antonio João, fronteira com o Paraguai, o gado do senador Rachid Saldanha Derzi. Fez o julgamento dos animais na primeira exposição de Bela Vista e em cinco feiras consecutivas de Maracaju.

Walter registrou alguns dos campeões nacionais, como o touro Evaru, filho de Karvadi, de uma linhagem de nelore que foi considerada a mais perfeita do mundo e comprado na Índia por Torres Homem Rodrigues da Cunha. Passaram também por sua certificação o primeiro nelore mocho registrado no Brasil, o Buriti, e os rebanhos de Eduardo Metello, de Campo Grande; Orestes Prata Tiberi, de Três Lagoas; e de Fadah Gattas, de Corumbá.

Ao aplicar na prática o que bem aprendera na teoria, conquistava a confiança dos exigentes criadores e negociantes – e mesmo debutando na profissão protagonizou intervenções de importância histórica. Uma delas foi registrar gado da linhagem Karvadi, uma das mais nobres do planeta e que o Brasil só conheceu graças ao pioneirismo de Rodrigues da Cunha, que a adquiriu de produtores indianos. Mineiro de Uberlândia, realizou feitos memoráveis para a pecuária nacional e internacional. Foi na sua Chácara Zebulândia, em Araçatuba, que implantou o primeiro laboratório brasileiro de sêmen no Brasil. O investimento assegurou a multiplicação e a afirmação de uma das melhores gerações de nelore do mundo. Torres Homem Rodrigues da Cunha morreu, aos 94 anos, em Araçatuba, no ano de 2010.



Frigorífico Anglo, de Barretos, nos anos 1960, um dos estágios de Walter - Foto Arquivo Leopoldo Costa



O douradense Mação Tadano foi secretário de Agricultura de Mato Grosso em 1968 e deputado federal - Foto JL Siqueira-ALMT

## Capítulo VII - Vocação de Servir

As andanças e os conhecimentos no trabalho de campo instigaram o desejo de apertar ainda mais os nós que o enlaçavam ao sul de Mato Grosso. Início dos anos 1970, o Estado era um só, mas já se ouviam aqui e ali os ruídos divisionistas. Já sentindo-se peça ativa da engrenagem social e econômica da região, montou uma loja de produtos veterinários em Dourados, a Casa do Fazendeiro. Seria o início de um novo e profundo enraizamento afetivo, embora preservando e nutrindo a ligação com as próprias origens, no sentimento fraterno e filial com a família, a casa, as ruas, a igreja, os festejos, a vizinhança, o guaraná em pó, a devoção beneditina, a hospitalidade e as infinitas coisas boas de sua Cuiabá “de chapa e cruz”.

Tais vínculos, sedimentados no coração e na memória, serviram para legitimar a escolha pela nova morada, até porque, em seus parâmetros afetivos, Mato Grosso continuaria sendo um só, uno, ainda que a tese divisionista se consumasse um dia, como aconteceu. O trabalho de registrador e as atividades no comércio lhe renderam muitas e grandes amizades na cidade e na região. Dourados era e é ainda um polo microrregional, um balão de oxigênio auxiliar para a respiração social, econômica e cultural de outras três dezenas de municípios.

Pulsava em suas veias o compasso frenético e irresistível da política, um apelo que vinha desde criança, convivendo com os mais velhos de Mato Grosso nas querelas entre partidos como a UDN, o PSD e o PTB ou na convivência com o patrão Ênio Vieira, que foi presidente da Arena, criada para dar sustentação ao regime militar. Depois, na juventude, vitaminou-se na rotina universitária do Rio, com as experiências na AME e na vitoriosa disputa para a direção do Diretório Acadêmico Vital Brazil Filho.



Ao abrir seu comércio em Dourados estava selada a certeza do passo para a vida pública. Sua inserção na cidade se amplificava, com incursões na vida social e em grupos de amigos, como o curioso Cibol (Clube de Integração Bolinha-Luluzinha). O nome foi “emprestado” dos personagens das histórias em quadrinhos da norte-americana Marjorie Henderson Buell e identificava a confraria de 10 amigos, profissionais liberais que tinham em comum o fato de serem “estrangeiros”, oriundos de outros estados, para fixar residência em terras douradenses.

Com Walter Carneiro participavam desse alegre ajuntamento: José Elias Moreira, Cláudio Iguma, Geraldo Melo, Milton José de Paula, Paulo Mori, Luiz Nogueira, Odon de Oliveira, Djalma Bianchi e Agrecir. Esse grupo foi determinante na formação de projetos e lideranças, entre as quais o médico George Takimoto, que se tornou presidente do PDS, vice-prefeito, vice-governador, deputado federal e deputado estadual. Havia moças no grupo e convidados especiais, entre os quais o advogado e articulista de jornais Altair da Costa Dantas, o Alcodan, que morreu em dezembro de 2015, aos 79 anos. Walter tinha 27 anos quando aceitou o convite para filiar-se à Arena. E sem demora foi escolhido para presidir o Diretório Municipal. Era uma prova de fogo. Três correntes se digladiavam dentro do partido: a Arena 1, a Arena 2 e a Arena 3.

O grupo de Walter seguia a liderança de Pedro Pedrossian e José Elias Moreira. As outras correntes tinham entre seus líderes João Totó Câmara e Ivo Anunciato Cersósimo. A direção partidária ampliou e adornou ainda mais sua visibilidade, reforçada pelo vai e vem da profissão e pelos dois anos que atuou como professor nas escolas públicas Menodora Fialho de Figueiredo, em Dourados, e Oswaldo Cruz, em Dourados. E sacramentou o passo maior em 1972, quando disputou e conquistou seu primeiro mandato eletivo, o de vereador.

Eram tempos difíceis, com o regime militar impondo diversas restrições políticas e sociais. Sem vender ilusões e consciente do papel constitucional do vereador, fez de seu mandato um mecanismo

ativo e transparente de articulação com a sociedade. Exigentes e politizados, os eleitores sentiram que podiam confiar naquele político propositivo, sério e conhecedor dos problemas e das soluções nos temas aos quais se entregava, sobretudo nas áreas de saúde, educação, infraestrutura, defesa do meio ambiente e municipalismo.

Foi reeleito em 1976, ainda pela Arena e reconhecido como líder de uma nova e promissora safra de agentes públicos da região. Com ele foram eleitos: Celso Muller do Amaral, Anis Faker, Valdenir Machado, Nilson Vieira de Matos, Daniel Noia, Joel Pizzini, Roberto Djalma Barros, Mariano Cândido de Arruda e Saul Freire, da Arena; e Sultan Rasslan, Juarez Fiel Alves e Ramão Fonseca de Souza, do MDB. Os arenistas eram 10 e os emedebistas apenas três. Mas na eleição para a Mesa Diretora, a Arena votou dividida: a corrente que era liderada por Totó Câmara deu a vitória a Rasslan. Nos dois mandatos de vereador, foi líder de bancada: primeiro, da oposição ao prefeito Totó Câmara; e depois, do governo, que tinha como prefeito José Elias Moreira, casado com uma das irmãs de Walter Carneiro.

Antes de se eleger vereador, o veterinário e registrador de gado nelore já fizera amizade com o engenheiro Pedro Pedrossian. Com o avanço da tese divisionista, Pedrossian queria ter a primazia de ser nomeado primeiro governador do Estado a ser criado. Mas era necessário garantir esse objetivo. Eleito, Walter fez sua parte. Liderou na Associação de Vereadores da Grande Dourados (Avegrande) um movimento que foi ao presidente Ernesto Geisel cobrar a adoção do nome de Mato Grosso do Sul para o novo Estado. Esta empreitada somou com iniciativas semelhantes e ajudou a alcançar o objetivo, que era o de impedir a adoção de outra denominação, entre tantas outras que circulavam pela imprensa e nos meios políticos.

Na metade do mandato municipal, já com Mato Grosso do Sul criado pela Lei Complementar 31, de 11 de outubro de 1977, que o desmembrou de Mato Grosso, veio novo e impositivo desafio partidário: disputar uma vaga de deputado estadual do novo

Estado. E Walter encarou. Concorreria a uma das 18 vagas da Assembleia Constituinte, que iria instalar o novo Estado e dar posse ao seu primeiro governador. Possuía um acúmulo interessante de ligações políticas e amizades em todos os segmentos, sendo requisitado para diversificadas incumbências, fossem culturais e de entretenimento, como a presidência do Clube Social, ou esportivas, como no futebol, presidindo seu clube de coração, o Ubiratan, e até aceitando perfilar na diretoria do arquirrival Operário.



Cláudio Higuma, membro do Cibol - Foto Hédio Fazan



Milton José de Paula, membro do Cibol,  
morreu de Covid em 01.01.2021, em Dourados - Foto MPMS



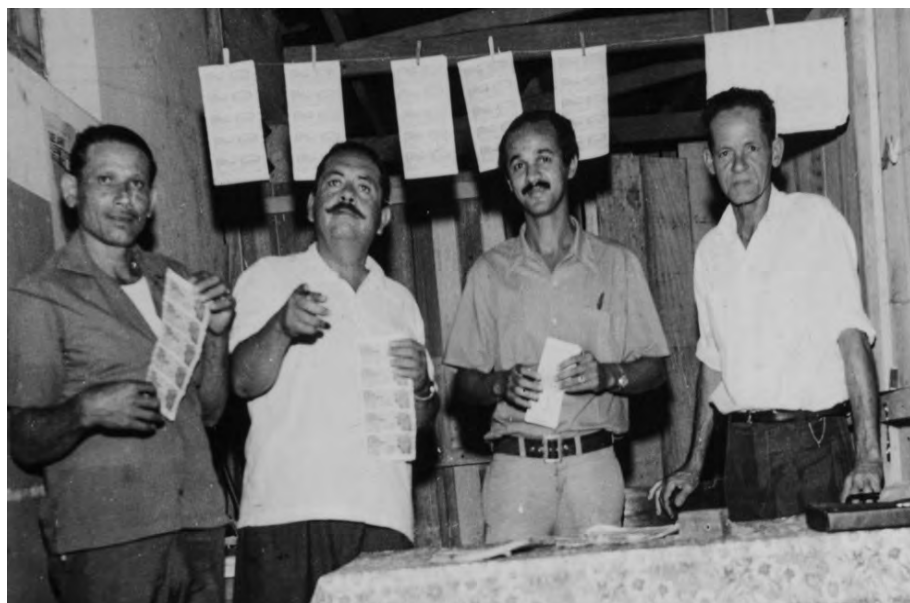
Torres Homem Rodrigues da Cunha, um dos maiores importadores brasileiros de Nelore



Karvadi IMP, da linhagem nobre do nelore que o importador pioneiro Torres Homem trouxe para o Brasil



Zé Elias, Walter Carneiro, Totó Câmara, Ivo Cersósimo, Londres Machado e Ronald Caçado com o presidente Ernesto Geisel, em Brasília



Walter Carneiro, durante entrega de prêmios da Lemat-Loteria do Estado de Mato Grosso



Em 1976, vereador Walter Carneiro, governador Garcia Neto e deputado estadual Edson Pires de Almeida



Walter Carneiro, vereador em Dourados, em inauguração de obras com prefeito Zé Elias



Vereador em Dourados, Walter participou de muitos eventos políticos e populares.

## Capítulo VIII - A Cena se Repete

Em 1978, nas primeiras eleições sul-mato-grossenses, com 6.238 votos conquistados em larga maioria dentro de seu domicílio eleitoral, Walter Carneiro foi um dos 11 candidatos eleitos pela Arena para formar com sete representantes do MDB a primeira turma de deputados estaduais do Estado recém-criado. Além dele, os arenistas eram Ramez Tebet, Paulo Saldanha, Londres Machado, Valdomiro Gonçalves, Oswaldo Dutra, Horácio Cersósimo, Alberto Cubel Brull, Rudel Trindade, Zenóbio Neves dos Santos e Ary Rigo. Os emedebistas: Sérgio Cruz, Odilon Nakasato, Getúlio Gideão Bauermeister, Cecílio de Jesus Gaeta, Onevan de Matos, Roberto Orro e Sultan Rasslan. Também assumiram o mandato Arthur Jorge do Amaral,, Eduardo Contar Filho e Manfredo Alves Corrêa, os três da Arena. Eles substituíram Rudel Trindade, Paulo Saldanha e Horácio Cersósimo, nomeados para o Tribunal de Contas (TCE/MS).

Em 1º de janeiro de 1979, duas solenidades efetivaram a existência legítima e constitucional de Mato Grosso do Sul. Com início às 10h, no Teatro Glauce Rocha, tomaram posse do mandato os 18 deputados estaduais constituintes que, ato seguinte, oficializaram a investidura do engenheiro Harry Amorim Costa, que já havia sido nomeado em 31 de março de 1978 para o cargo de governador pelo presidente da República, general Ernesto Geisel. Tomaram posse também os desembargadores do Tribunal de Justiça, diante de centenas de autoridades, entre elas o ministro da Justiça, Armando Falcão; o governador de Mato Grosso uno, Cássio Leite de Barros; o prefeito de Campo Grande, Marcelo Miranda Soares; e o reitor da então Universidade Estadual de Mato Grosso (Uemt), João Pereira da Rosa.

Depois do Glauce Rocha, os deputados foram para o prédio



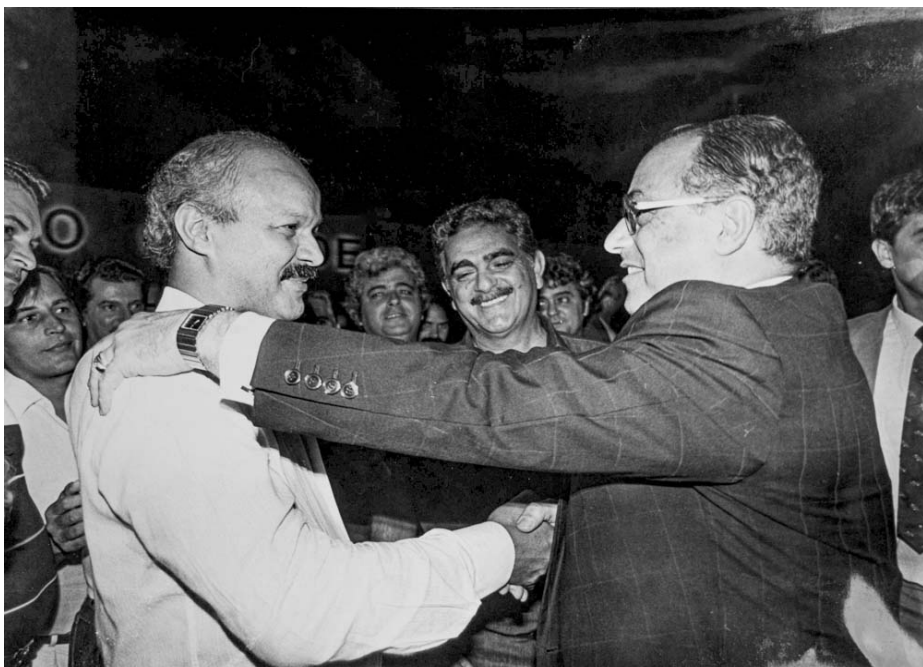
da Missão Salesiana, à Rua Barão do Rio Branco, 1843, em frente à Praça do Rádio Clube, para cumprir os ritos complementares da posse, principalmente aprovar o Regimento Interno, convocar e realizar a votação da Mesa Diretora. Era necessário, então, que se formasse uma espécie de mesa provisória interina, para dirigir os trabalhos até à eleição da composição efetiva. Foram escolhidos para esses papéis os deputados Rudel Trindade, o mais idoso, para presidente, com Walter Carneiro e Roberto Orro de secretários.

Assim, a mesa provisória abriu a primeira sessão do Poder. Foi lida e lavrada a Ata e aprovada a Resolução que regulamentava seu funcionamento. E, por fim, se fez a eleição da Mesa Diretora, com Londres Machado de presidente e Walter na 2ª vice-presidência. Quando a Constituinte foi promulgada, o Estado estava sem governador efetivo. Harry Amorim Costa tinha sido exonerado um dia antes e quem exercia o cargo, interinamente, era o presidente da Assembleia, Londres Machado, que ficou com a caneta durante 18 dias até à nomeação de Marcelo Miranda Soares.

Sobre semelhanças entre episódios, ambientes e investiduras, o detalhe a observar é o que aconteceu nas escolhas dos dirigentes do Diretório Acadêmico Vital Brazil Filho, da Faculdade de Veterinária de Niterói, em 1963, e da comissão de deputados estaduais da mesa diretora provisória para abrir a primeira sessão da Assembleia Constituinte, em 1979. Walter seria um personagem secundário em ambas, se os fatos e a competência não conspirassem a seu favor. Em Niterói, foi eleito para ser o vice-presidente do diretório e acabou mais tarde assumindo a presidência. Em Mato Grosso do Sul, foi um dos escolhidos para secretariar o grupo investido das atribuições de instalar a Constituinte, convocar e realizar a eleição da primeira Mesa Diretora da Casa, da qual tornou-se o segundo vice-presidente naquele ano e presidente entre 1983 a 1985.



Posse dos deputados estaduais constituintes em 1º de janeiro de 1979



Walter e Pedrossian recebem Paulo Maluf



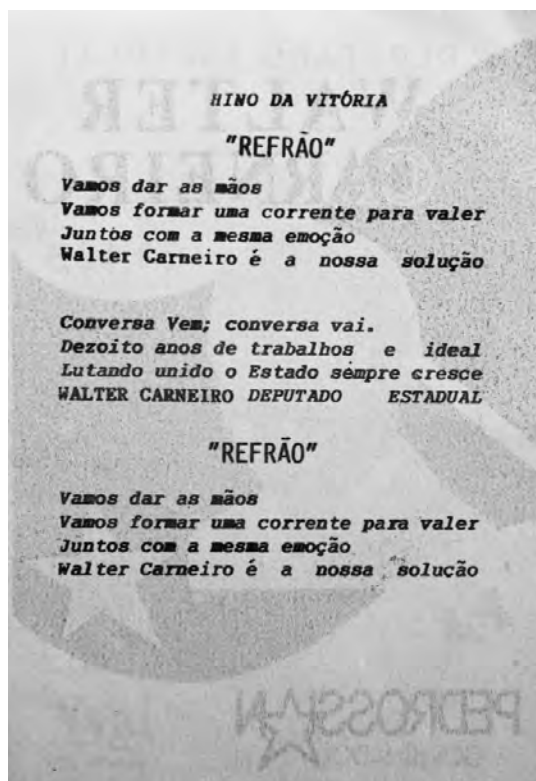
Walter Carneiro com Paulo Fagundes, Londres Machado, Manfredo Corrêa e Waldomiro Gonçalves



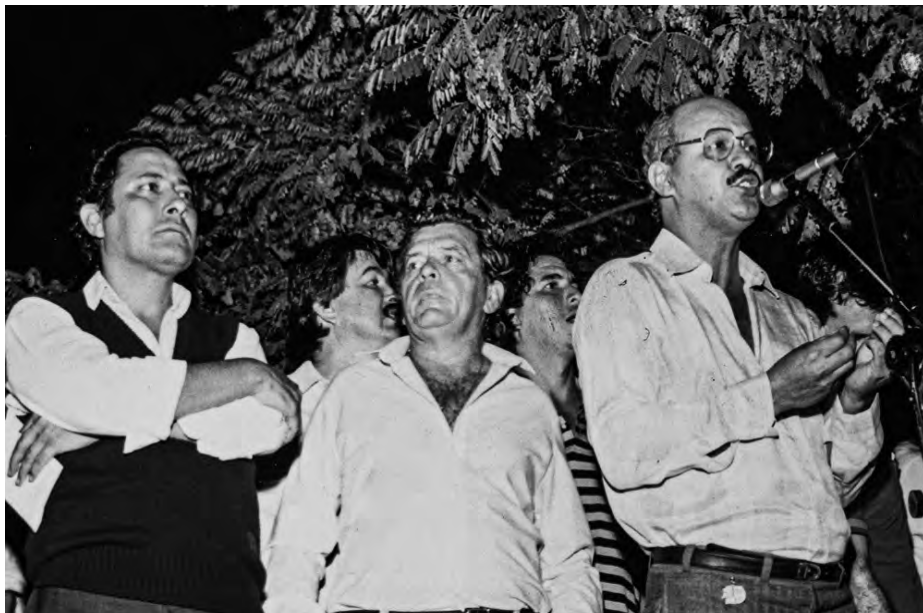
Walter Carneiro e Paulo Saldanha



Walter Carneiro na recepção ao governador Harry Amorim e ministro da Agricultura Alysso Paulinelli



Letra da música de campanha de 1978



Walter Carneiro, em comício com Jesus Gaeta e Jorge do Amaral



Walter em comício

## Capítulo IX - A Tinta do Conhecimento

O processo de elaboração da carta constitucional exigiu muito dos legisladores. Consumiam horas a fio, em debates, estudos, palestras e audiências ou debruçados nas mais diversas obras sobre organização federativa, fundamentos geosociais, direitos e deveres, enfim tudo que fosse pertinente às atribuições legislativas na normatização do funcionamento de um Estado. Walter Carneiro era o aluno de sempre: dedicado e aplicado, estudioso e sonhador. Mas um sonhador que trabalhava com a realidade, com o que pudesse converter a imaginação em direitos ou conquistas concretas.

Foi assim que tratou o sonho da universidade estadual. Pensava na educação e no conhecimento como pilares centrais das maiores e melhores possibilidades humanas de construir, de avançar, de poder e de querer. Investido das atribuições de constituinte, pôs seu pensar futurista numa estratégia de convencimento para angariar apoios à proposta. O argumento poderia ser sintetizado assim: uma instituição pública de terceiro grau permitiria que mais pessoas tivessem a oportunidade de fazer um curso superior para melhorar a própria qualidade de vida e contribuir com o desenvolvimento de sua comunidade e de seu Estado e do País.

A tentativa inicial falhou. A emenda criando a Universidade não passou pela Comissão Constituinte, face ao voto contrário do deputado Ramez Tebet, cujo parecer interpretava que a proposta, naqueles moldes, não poderia tecnicamente ser levada adiante. A Carta parecia sentenciada a ser promulgada sem aquela medida. A emenda, rejeitada, em princípio não poderia ser reapresentada na mesma sessão legislativa. Entretanto, Walter Carneiro passou dias lendo e estudando o regimento, consultou especialistas e encontrou a brecha. Teve ainda um “empurrão” amigo do advogado, ex-deputado e mais tarde seu consultor jurídico Cleomenes Nu-

nes da Cunha. Precisaria ser ágil e objetivo para, nos momentos decisivos da votação no plenário, reapresentar a proposta, driblar os obstáculos e garantir assinaturas para obter dois terços de votos favoráveis.

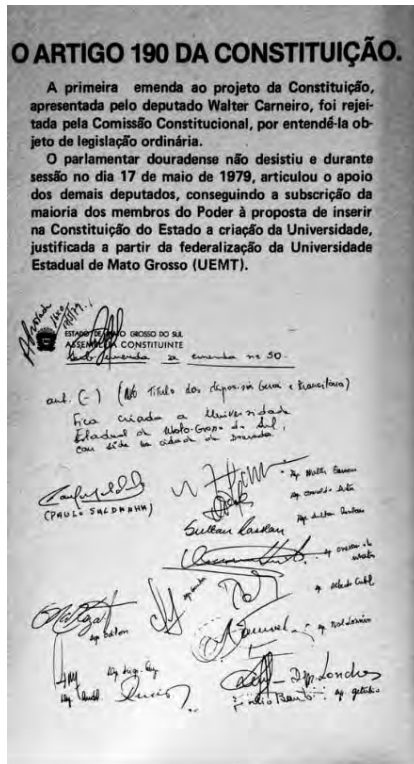
A solução veio na tinta de um texto escrito por Walter Carneiro com uma caneta esferográfica, simples e objetivo: “Fica criada a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com sede em Dourados”. A proposta chegou à Mesa, avançou ao Plenário e foi aprovada. A UEMS deixava de ser apenas um sonho. Estava inscrita no artigo 190 da primeira Constituição do Estado, promulgada em 13 de junho de 1979. Foi mantida, também por iniciativa de Walter Carneiro, na revisão constitucional promulgada em 05 de outubro de 1989, no artigo 48 do Ato das Disposições Gerais e Transitórias, com o texto acrescido da previsão para instalação e funcionamento no ano letivo de 1992. A Lei Estadual 533/1985 autorizou sua instalação e a Lei Estadual 1461/1993 liberou o Executivo para instituí-la. E o decreto 7585/1993 instituiu a universidade sob a forma de fundação.

Com 28 anos de existência, a UEMS tem seu **campus-sede** em Dourados, na qual o Bloco A, do piso superior leva o nome do Walter Carneiro. Está presente em 28 municípios, com 15 unidades e 13 polos de cursos à distância (EAD). As unidades universitárias estão localizadas em Amambai, Aquidauana, Campo Grande, Cassilândia, Coxim, Dourados, Glória de Dourados, Ivinhema, Jardim, Maracaju, Mundo Novo, Naviraí, Nova Andradina, Paranaíba e Ponta Porã. Os polos EAD: Água Clara, Aparecida do Taboado, Bataguassu, Bela Vista, Camapuã, Costa Rica, Coxim, Japorã, Miranda, Rio Brillhante, Paranhos, Porto Murtinho e São Gabriel do Oeste. Até o ano de 2021 eram oferecidos 60 cursos de graduação presencial, três à distância e 30 de Pós-Graduação (especializações, mestrados e doutorados).

Primeira do País a assegurar a inclusão de indígenas, com 10% das vagas, a UEMS é a terceira a instituir a cota racial, com de 20% das vagas. E além disso ainda reserva como cota 10% das vagas

a alunos que residem em Mato Grosso do Sul, mediante comprovação de moradia. O sonho de Walter Carneiro foi compartilhado por outros colegas e lideranças para que pudesse adquirir forma e certificado de vida. O conteúdo vem de um compromisso com o futuro e com o fim dos abismos sociais. Seu nome dá a identificação do Bloco A da instituição, no piso superior, no qual foi abrigada a Proap (Pró-Reitoria de Administração e Planejamento).

Ao interiorizar o ensino universitário e abrigar segmentos e etnias que mais sofrem com a discriminação e a falta de oportunidades, a UEMS dá uma resposta definitiva e inquestionável aos que se deixam vergar pelo ceticismo, pelo desânimo ou pelo comodismo. É luz, é claridade, é o raio firme e universal do conhecimento para ser acessado por todas as pessoas e renovar nelas a esperança. Uma caneta pode ser uma chave. Ou um par de asas.



O texto manuscrito





O histórico escrito a caneta de Walter Carneiro criando a Uems



Imprensa deu ampla cobertura à criação da Uems



Campanha em Dourados pela implantação da Universidade-UEMS



O campus da Uems, em Dourados - Foto Divulgação



Em sessão proposta por Maurício Picarelli, a homenagem a Walter Carneiro, ao lado do reitor Fábio Edir - Foto Roberto Higa



Os deputados que elaboraram a Constituição Estadual de 1989

## Capítulo X - Liderança, companheirismo e olhar democrático

Em 1982, Walter se reelegeu para exercer o mandato de 1983 a 1986. O número de deputados havia aumentado de 18 para 24. Foram eleitos Gandi Jamil Georges, Jonathan Pereira Barbosa, Onevan José de Mattos, Roberto Moaccar Orro, Londres Machado, Akira Otsubo, Válter Pereira de Oliveira, João Leite Schimidt, Ayres Marques, Ivo Anunciato Cersósimo, Anis Faker, Zenóbio Neves dos Santos, Benedito Leal de Oliveira, Daladier Agi, Nelson Trad, Valdir Cardoso, Nelson Assef Buainain, Manfredo Alves Corrêa, Cecílio de Jesus Gaeta, Ary Rigo, Armando de Amorim Anache, Roberto Djalma Barros e Arthur Jorge do Amaral.

Em 1986, com a aprovação das urnas, Walter chegou ao seu terceiro mandato, que cumpriria até 1991. A turma daquele ano reuniu ao seu lado: Akira Otsubo, André Puccinelli, Armando Anache, Ary Rigo, Benedito Leal, Carlos Furtado Fróes, Cícero Antonio de Souza, Cláudio Valério da Silva, Leite Schimidt, Jonathan Barbosa, José de Oliveira Santos, Júlio César Maia, Londres Machado, Marilene de Moraes Coimbra, Marilu Segatto Guimarães, Maurício Picarelli, Nelson Trad, Onevan de Matos, Ozéias Pereira, Pedro Pereira Dobes, Ricardo Augusto Bacha, Roberto Razuk e Valdenir Machado. Nesta legislatura assumiram a titularidade sete suplentes: Daladier Agi, Daudt Conceição, Fernando Saldanha, Henrique de Moraes Dedé, Nilson Lima, Pedro Paulo de Barros Lima e Waldemir Moka de Brito.

Nos três mandatos consecutivos sua produtiva e intensa atividade parlamentar não se resumiu a projetos, indicações e discursos. Walter era conselheiro, pacificador, articulador, gestor. Tinha visão privilegiada e sensível. Fazia valer a sua autoridade, sem ser autoritário, sem ser rompante. Conciliava. Também era voluntário no socorro a quem estivesse em dificuldade. Se necessário,

apresentava-se para amarrar a coleira no pescoço da onça. Tinha sempre uma palavra de incentivo para os desanimados de plantão ou de alerta aos que se acomodavam no trecho, içando sempre o chamamento à responsabilidade de cada um.

Essas características foram preponderantes na eleição que o alçou à presidência da Mesa Diretora, o cargo de maior relevância na composição orgânica da Assembleia. Ele, que tinha sido líder do governador Pedro Pedrossian até então, enfrentaria Leite Schmidt, que tinha fechados para si os votos do PMDB, partido do recém-eleito governador Wilson Barbosa Martins. Até às vésperas da votação a matemática projetava um empate em 12 a 12. Walter conversou com um por um dos colegas. Só com argumentos francos e transparência. Não era mais governo, nada tinha a oferecer. Ainda que tivesse, ele mesmo garantiu que não recorreria ao expediente de comprar apoio. Limitaria-se apenas ao que tinha: sua palavra e o compromisso com uma gestão capaz de fortalecer os mandatos e preservar a autonomia do poder.

Chegou o dia da votação. Ambiente tenso e cada vez mais nervoso à medida que os deputados iam votando. No final, em vez dos 12 a 12, a chapa de Walter teve 13 votos. O voto que ele não tinha até à véspera foi dado por Jesus Gaeta, que andava magoado com o governador Wilson Martins..Um tênis foi atirado da plateia na direção do deputado Jesus Gaeta. Não acertou o alvo, mas deflagrou pequena e rápida confusão. Era o protesto de militantes do MDB contra o voto dado por Gaeta para derrotar Schimidt e atingir o governador Wilson Martins, com quem o polêmico parlamentar andava às turras.

Eleito, o primeiro gesto de Walter foi conversar com os colegas, aparando as arestas e acenando de igual forma aos perdedores e vencedores. A disputa havia acabado. Todo mundo, naquele momento, sairia ganhando. O importante era a independência do Legislativo. Estava ratificado o compromisso coletivista. Um dos atos mais importantes naquele semestre foi em 15 de março de 1983, quando Walter Carneiro, ex-líder de Pedro Pedrossian, deu posse

ao adversário Wilson Barbosa Martins, primeiro governador eleito em Mato Grosso do Sul depois de 12 anos com os gestores estaduais sendo nomeados pelos presidentes militares da República.

Sua gestão na presidência foi assinalada por decisões de profundo impacto na melhoria da qualidade e da resolutividade dos serviços internos e de atendimento à sociedade. Ele define esse período como da mais absoluta entrega pessoal e conceitual a um propósito humano e de alcance o mais amplo possível, com ênfase na guarda e no fortalecimento dos mandatos, na autonomia da instituição, na valorização dos servidores e dos compromissos péticos do poder com sua essência política e institucional de porta-voz da população, garantidor da democracia e fonte da afirmação e do aprimoramento dos estatutos legais que regem as relações e o desenvolvimento das pessoas e do Estado.



Walter Carneiro deposita seu voto na eleição em que se tornou presidente da Aems



Com Sarney, Wilson Martins, Marilu, Bacha e Anache na disputa pela Metamat



Em 1984, no plenário com os colegas Zebóbio Santos, Jesus Gaeta, Nelson Trad e Manfredo Corrêa



Em 1986, com Nelson Trad, Nílson Lima, Marilene Coimbra, Roberto Razuk, Marilu Guimarães, Waldemir Moka, Ricardo Bacha e Benedito Leal



Deputados da 3ª legislatura, de 1987 a 1991, Walter Carneiro entre Ary Rigo e Benedito Leal





Walter carneiro em evento com os colegas deputados Roberto Razuk, Londres Machado, Nelson Trad, Eder Brambilla, Fernando Saldanha e Humberto Teixeira



Walter Carneiro, em 1983, fazendo saudações aos servidores



Walter Carneiro, em jantar com Fernando Collor de Melo, com Francisco de Lagos e Nilson Pereira



Walter deu posse a Wilson Martins, sob o olhar atento do assessor Cleomenes Nunes da Cunha



Pedro Dobes, Leal de Queiroz, Gandi Jamil, Walter Carneiro e Válter Pereira



Walter Carneiro em sessão especial, com Londres Machado, Ramez Tebet e o arcebispo D. Antonio Barbosa

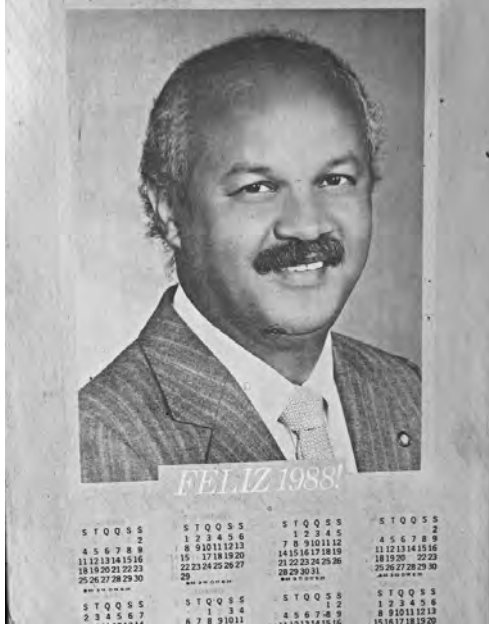


Walter e servidores da Assembleia Legislativa

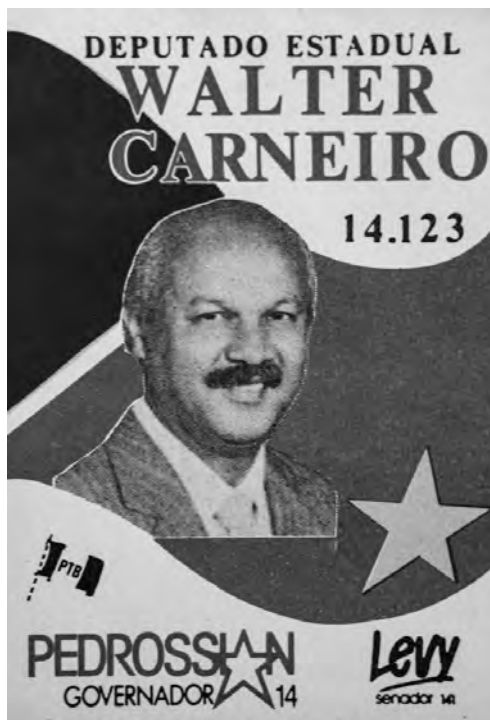


Em campanha com Lúdio Coelho, Pedro Pedrossian e Nilda Coelho

*Quem acredita e faz, constrói  
um mundo melhor a cada ano.*



Calendário de Walter Carneiro em 1988



Santinho da campanha de 1990

## Capítulo XI - O Municipalista

“O entrosamento com os prefeitos e o contato com os vereadores revigoram e fortalecem as colunas que sustentam e legitimam o Legislativo na condição de poder timbrado pela mais pura manifestação da vontade popular: o voto”

Quando foi presidente da Assembleia Legislativa (1983-85), Walter Carneiro realizou uma gestão austera, mas produtiva e pautada por temas e iniciativas de extrema importância para a sociedade. Uma delas foi instituída em agosto de 1983, quando, para estreitar as relações entre Legislativo e Executivo, instituiu o ciclo de homenagens aos municípios e gestores municipais. As solenidades eram realizadas às terças-feiras, no período matutino, próximo ao pavilhão de bandeiras, com a presença dos parlamentares, prefeito e presidente da Câmara do Município homenageado. O cerimonial fazia a apresentação contando um pouco da história da cidade e em seguida eram hasteadas as bandeiras Nacional, Estadual e Municipal, com execução dos hinos. As bandas de música da Polícia Militar, da Base Aérea e da Escola Líder participavam..

No III Encontro de Executivos Municipais, realizado pela Associação dos Municípios de Mato Grosso do Sul (Assomasul), em 07/12/83, focalizou em seu discurso a reforma tributária. Num trecho do pronunciamento, ele enfatiza: “Somos municipalistas a toda prova e não temos perdido sequer uma oportunidade de ratificar esta posição. Pelo contrário, aumenta sempre a crença inabalável no papel fundamental reservado aos municípios na atualidade brasileira. Vereador, deputado estadual, cidadão principalmente, sentimos as questões locais afetando muito mais diretamente as pessoas que os problemas de âmbito estadual e federal, muito embora todos estejam associados. Essa concepção, implica na busca de soluções dentro da esfera municipal, local, aonde será legítima

a apreciação dos resultados decorrentes da ação do governo, independentemente de setor, mas atingindo aspectos políticos, sociais e econômicos”.

Adiante, o deputado concluía, assim: “O conhecido urbanista Jaime Lerner costuma dizer que o Prefeito é a própria cidade. E está coberto de razão, pois a cidade repudia, rejeita o Prefeito que não souber interpretá-la, produzindo na sua obra o retrato das aspirações de sua gente. A Reforma Tributária ainda não veio. Mas temos aprovada a Emenda Passos Porto que, se não é o desejável, extrapola seu conteúdo institucional para configurar a manifestação unânime, inquestionável e, acima de tudo sincera, de que o atual sistema tributário não mais cumpre o seu papel. Os Prefeitos de Mato Grosso do Sul, reunidos nesta ou em outras ocasiões, estão na rota segura que levará aos objetivos propostos. As reivindicações são feitas com os pés assentados no chão, sem perder de vista os percalços do momento, mas brandindo com firmeza e sem temores o exercício pleno de um direito pelo povo outorgado”.

Em 21 de março de 1984 Walter Carneiro promulgou a Lei 440, conhecida como “Lei do Pró-Indústria”. Vigora até hoje e, aprimorada, é o mecanismo institucional que dá o norte a esse campo da economia. A proposta foi enviada à Assembleia por meio de um procedimento que os deputados entenderam ser tecnicamente inadequado. Acertaram com o Governo o ajuste da matéria, com outro rito de tramitação. Por fim, a proposta acabou sendo refeita pelas mãos do deputado Zenóbio Neves dos Santos e subscrita por Walter Carneiro. Aprovada, foi submetida à sanção do Executivo, que perdeu o prazo. Restou aos deputados promulgá-la.

Ao longo de sua trajetória na vida pública, o ardor na defesa do municipalismo como diretriz para elaboração das políticas públicas nacionais de desenvolvimento. Por inúmeras vezes, nos encontros com autoridades governamentais e lideranças políticas influentes no País Walter Carneiro propôs, reivindicou e reiterou apelos por medidas que tivessem o recorte e a voz de demandas singulares que caem na cota de responsabilidades de prefeituras e

gestores municipais. Paulo Maluf, amigo e correligionário, visitou Campo Grande várias vezes e Walter era um dos cicerones. Numa dessas visitas, o ex-deputado e ex-governador, candidato à presidência, destacou ao seu lado, em evento na Assomasul (Associação dos Municípios de MS), que os prefeitos queriam um presidente com aquele perfil empreendedor e compromissado com os municípios.

A conversa municipalizante de Walter foi também uma das principais pautas em reuniões e eventos com autoridades como o presidente Fernando Collor, o ministro da Agricultura Alysso Paulinelli (no governo Ernesto Geisel) e o ministro dos Transportes e candidato a presidente Affonso Camargo. Até em audiências com outras pautas ele se aproveitava de uma brecha para tocar em demandas municipalistas. Foi assim quando integrou a comissão de lideranças na audiência em Brasília com o presidente José Sarney, para reivindicar que o controle da Metamat (Companhia Mato-grossense de Mineração) continuasse com Mato Grosso do Sul. É que as minas exploradas pela estatal ficam em Corumbá, mas Mato Grosso reclamava o seu controle. Esta era uma das pendências no contencioso das partilhas entre os dois estados logo após a divisão territorial. Faziam parte da comissão o governador Wilson Martins e os deputados Ricardo Bacha, Walter Carneiro, Marilu Guimarães e Armando Anache.

A criação dos municípios de Douradina e Juti e de diversos distritos estão no volumoso arquivo de proposições assinadas por Walter Carneiro. Em seu livro “Mato Grosso do Sul – Legislação Anotada – 1979-1995”, o advogado, professor, ex-deputado e consultor jurídico Cleomenes Nunes da Cunha publicou um resumo de projetos de lei que passaram pelo crivo da Assembleia Legislativa Nesse período. Sem incluir os outros tipos de proposição, da lavra de Walter Carneiro foram geradas estas leis:

01) Lei Complementar (LC) 08, de 20/04/1982 – Dispõe sobre a Organização Geral dos Municípios de Mato Grosso do Sul;

02) LC 19, de 30/11/1984 – Dispõe sobre a Organização Geral dos Municípios de Mato Grosso do Sul;



03) LC 47, de 19/06/1990 - Dispõe sobre o Código do Ministério Público Estadual;

04) Projeto de Lei 78, de 12/05/1980 - Cria o município de Douradina, desmembrado da área territorial de Dourados;

05) PL 277, de 24/11/1981 - Cria o Distrito de Cruzaltina, no município de Douradina;

06) PL 325, de 30/12/1981 - Cria no município de Dourados o distrito de Via Formosa;

07) PL 326, de 06/01/1982 - Cria o distrito de Santa Therezinha no município de Itaporã;

08) PL 387, de 20/09/1983 - Dá nova denominação ao distrito de Serraria, que passa a chamar-se Indápolis, no município de Dourados;

09) PL 407, de 05/12/1983 - Cria o distrito de Morraria do Sul, no município de Bodoquena;

10) PL 310, de 05/12/1983 - Institui a Semana da Imprensa nas escolas de 1º e 2º Graus da Rede Estadual de Ensino;

11) PL 439, de 19/02/1984 - Regula o exercício profissional dos jornalistas perante os poderes Judiciário, Executivo e Legislativo;

12) PPL 440, de 21/03/1984 - Cria o Conselho de Desenvolvimento Industrial de Mato Grosso do Sul;

13) PL 515, de 18/12/1984 - Denomina Frédis Saldivar o Estádio localizado no Centro Integrado de Esportes, em Dourados (coautoria com Roberto Djalma Barros);

14) PL 533, de 12/03/1985 - Autoriza o Poder Executivo a instalar a Universidade Estadual de MS, com sede em Dourados;

15) PL 689, de 19/12/1986 - Autoriza o Executivo a criar o curso de 2º Grau no distrito de Guaçu-Macaúba, município de Dourados;

16) PL 801, de 14/12/1987 - Cria o município de Juti, desmembrado do município de Caarapó;

17) PL 834, de 1º/07/1988 - Cria o Distrito de Vila União, no município de Deodápolis;

18) PL 835, de 1º/07/1988 - Cria o distrito de Presidente Cas-

telo, no município de Deodápolis;

19) PL 1.105, de 29/11/1990 - Dispõe sobre as infrações no trânsito.

Walter Carneiro participou de duas Constituintes: a primeira, promulgada em 13 de junho de 1979, e a segunda em 05 de outubro de 1989, em sessão também presidida pelo deputado Londres Machado. Além de Londres Machado, trabalharam na construção desse texto os deputados Nelson Trad, Roberto Razuk, Waldemir Moka, Ozéias Pereira, Cláudio Valério, Maurício Picarelli, Armando Anache, Marilu Guimarães, Nílson Lima, Walter Carneiro, Ary Rigo, Jonathan Barbosa, Henrique Dedé, Pedro Paulo de Barros, André Puccinelli, Marilene Coimbra, Valdenir Machado, Pedro Dobes, Ricardo Bacha e Cícero de Souza.

É autor de diversas publicações impressas, uma delas na série sobre “O Exercício da Democracia”. Entre as reverências honoríficas outorgadas pelo Legislativo com indicações de sua autoria estão as que agraciaram o arcebispo de Campo Grande, D. Antonio Barbosa, e o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), senador Albano Franco.



Livro Exercícios Para a Democracia, de Walter Carneiro



Walter Carneiro e a Banda da Escola Líder, que participava das homenagens da Assembleia aos municípios



Pedro Pedrossian, Walter Carneiro, Paulo Maluf, Rivalmir Fonseca e Luiz Antonio A. Gonçalves



O livreto sobre o Projeto de Homenagem aos Municípios

**Vamos industrializar os frutos da nossa terra**

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

O presidente da Assembleia Legislativa, deputado Walter Carneiro, ao promulgar a lei nº 440, de 21 de março de 1964 (PRÓ-INDÚSTRIA) que "cria o Conselho de Desenvolvimento Industrial do Estado de Mato Grosso do Sul e concede os incentivos que menciona".

Dentre os principais benefícios da lei às empresas industriais está a carência de até 24 meses para recolhimento do ICM, a isenção de impostos municipais, como IP, TU, ISS e Taxas de Contribuição e Melhorias.

"Temos meios de vencer a crise com trabalho", disse Walter Carneiro, afirmando que "a partir do Pró-Indústria vamos industrializar os frutos da nossa terra".

Folheto do Pró-Indústria, programa com a chancela de Walter Carneiro.

## Capítulo XII - O Sino, a Bola e a Vocação

A devoção a São Benedito (Bendito, Abençoado) no Brasil vem desde o período entre os séculos XVI e XVII, por meio dos negros trazidos como escravos. Era filho de africanos da Etiópia, levados por escravagistas para a Sicília, na Itália, aonde nasceu, em 1526. Educado na fé cristã, tornou-se franciscano e disseminou sua fé, sendo agraciado com o dom divino de operar milagres. Enfrentou com paciência e doçura as agressões de cunho preconceituoso por causa de sua origem afrodescendente. Foi canonizado em 1807. Chamado também de Benedito, o Preto, ou Santo Cozinheiro, sua imagem é associada às de Nossa Senhora do Rosário; de Santo Elesbão, imperador negro da Etiópia; e de Santa Efigênia, uma princesa também negra e igualmente etíope.

Estes e outros detalhes da vida e do apostolado de São Benedito não constituem novidade alguma para os cuiabanos. Que os digam os membros da Família Carneiro. Uma soma de situações e coincidências – coincidências? – a projeta entre os mais atuantes círculos devocionais da capital mato-grossense. O patriarca da família era João Benedito Carneiro. Dos 13 filhos, os cinco homens tiveram no registro de identificação cartorial a sagrada identificação beneditina: Wilson Benedito, João Benedito, Walter Benedito e os gêmeos Benedito Ivo e Ivo Benedito. Das oito mulheres, todas têm Maria no prenome – e o santo sempre esteve presente no coração e nas preces de Maria Aydil, Maria Adail, Maria Arenil, Maria Atail, Maria Ail, Maria Adil, Maria Adenil e Maria Azenil.

Em Cuiabá, entre outros benditos pontos de referência, a Rua São Benedito e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), são emblemáticos. De acordo com o historiador Barbosa de Sá, no ano de 1722, em um local conheci-

do como Campo do Arnesto, às margens do Córrego da Prainha, “os pretos levantaram uma capelinha a São Benedito junto ao lugar chamado depois Rua do Sebo, que, daí a poucos anos, caiu e não levantou mais”. A igreja, com seus 300 anos, é o espaço central da mais longa e antiga celebração religiosa de Mato Grosso: a Festa de São Benedito, que chega a durar um mês e atrai dezenas de milhares de fiéis e visitantes, geralmente no primeiro domingo de julho. Foi em seu entorno que a cidade começou a nascer, um povoado com o nome Vila do Bom Jesus de Cuiabá.

Desde a infância, os elementos gerais das manifestações de fé no santo negro forneciam motivações irresistíveis para o ativismo religioso. De calça curta e os olhos bem atentos o menino acompanhava e repercutia gestos, cantos, ladainhas, rezas e as demais peças da liturgia beneditina, dentro e fora da igreja. Inebriu-se de felicidade, sentiu-se realizado quando o pároco o escalou para duas missões maiúsculas: ser um dos coroinhas, auxiliares do sacerdote que dirige as missas, e tocar o sino de aviso e chamada para as celebrações eucarísticas. Feliz, o menino Walter escalava os degraus para subir até o local onde estava a corda com o badalo, a peça metálica que, ao ser balançada, tocava na superfície do sino, produzindo uma alta vibração sonora. Tinha como companhia um de seus amigos de infância, Lucilo Libânio Souza Jr, o Nonô, topógrafo de profissão.

Décadas depois, nos anos 1980, já deputado estadual, Walter foi desafiado pelo padre Teodoro a repetir o que fazia na igreja quando criança: tocar o sino. O pedido foi atendido, prontamente. Um dos ativos participantes e divulgadores da Festa de São Benedito, ele é presença carimbada em todas as edições desde os tempos de escola primária e de coroinha da igreja. É o atual Rei da Festa, que teve sua recente edição (2020-2021) em outubro, anos marcados pela pandemia. As restrições impostas pela doença levaram a paróquia a alterar o calendário tradicional, transferindo o evento para outubro, encurtando sua programação e adotando rigorosas medidas de biossegurança, como o sistema **delivery** para a entrega

dos alimentos e guloseimas ao público e as regras de distância e circulação. Isso não impediu o sucesso do acontecimento. O rei Walter e a rainha Cely Coelho cumpriram seus papéis e se emocionaram com os fiéis, dentro de uma programação confraternizadora e sacrofestiva, que ofereceu missa, cânticos, alimentação, procissão e shows musicais. Na missa de São Benedito em julho de 2022, o maçom Walter Carneiro ficou ainda mais feliz com a homenagem dos fiéis à Maçonaria na celebração.

Embora residindo em Mato Grosso do Sul, com uma casa em Campo Grande e uma chácara em Dourados, ele empenhou-se na manutenção do culto vivo às suas raízes, indo com frequência a Cuiabá e visitando locais como a antiga morada do Bairro Baú, que continua no mesmo lugar e pertencendo à família, e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Na propriedade rural de Dourados, a Chácara São Benedito de Cuiabá, há uma imagem do santo com 1,20 metros de altura. E há mais de 25 anos ele e a esposa, Elizete, auxiliados pelos filhos e netos e com a adesão da comunidade, realizam todo último sábado de julho o Arraiá do Cuiabano. Tem tudo para a celebração conjunta de São João e São Benedito: rezas, ladainhas, missa, doação de alimentos e muita alegria com música e confraternização. O casal tem a ajuda esperta e criativa dos netos na organização e na divulgação.

A proteção de Deus e o reforço do santo cozinheiro certamente foram indutores das aventuras esportivas que levaram Walter Carneiro às paixões do futebol. Na adolescência e na juventude enfiou-se nos meios futebolísticos e chegou até a ser técnico de um time de várzea, o Cacareco. Era estudante, tinha apenas 17 anos. Viu muitos jogos do campeonato amador e vibrou com craques como Ruiteir e Franklin Mashrua (de quem ficou amigo e foi também deputado estadual em Mato Grosso do Sul, aonde vive como conselheiro aposentado do Tribunal de Contas).

O amor pelo Vasco da Gama nasceu na admiração por um craque: o atacante Vavá, centroavante rompedor e que fazia muitos gols com as camisas vascaína e da seleção brasileira. Definitivamente



vamente, decidiu “cantar de coração” e fazer da Cruz de Malta o seu pendão durante a Copa do Mundo de 1958, ouvindo as transmissões pelo rádio e torcendo por gols de Vavá. Depois, em 1964, fazendo Veterinária no Rio de Janeiro (que de 1960 a 1975 era conhecido como Estado da Guanabara), começou a assistir jogos do Vasco em São Januário e outros estádios.

Na primeira vez que viu seu clube de coração em campo foi um jogo contra o Bangu, em outubro de 1964. Eram dois timaços. O jogo terminou 2 a 2. Célio e Mário marcaram para o Vasco e Roberto Pinto fez os dois dos banguenses. Dois dos craques do time nessa época têm suas vidas relacionadas diretamente com Mato Grosso do Sul. O atacante uruguaio Célio Taveira Filho, que se consagrou no Vasco e no Corinthians, foi um dos primeiros jogadores contratados para atuar no início do futebol profissional no Estado. O clube contratante foi o EC Comercial, de Campo Grande. O ponta-esquerda Zezinho era corumbaense de nascimento.

É sócio geral do clube, condição que adquiriu de maneira insólita e ligeiramente atrevida quando estudava em Niterói. Acompanhava todas as notícias sobre o Vasco e era leitor assíduo de uma seção no Jornal dos Sports, a coluna do Zé de São Januário, apelido do cronista vascaíno Álvaro do Nascimento. Após ler uma de suas crônicas redigiu e enviou a ele uma carta, revelando que sonhava ser sócio do clube. Zé de São Januário ficou tocado pela espontaneidade e respondeu com outra carta, solicitando ao missivista que lhe enviasse uma fotografia 3 x 4. Walter não titubeou e atendeu o pedido. Era para providenciar a abertura do processo de inscrição entre os associados. A partir de então passou a pertencer ao quadro dos chamados sócios gerais. Entre as vantagens e benefícios esse grupo tem 50% de desconto no ingresso de todos os setores, acesso gratuito ao clube e 10% de desconto na Vasco Store. Vai uniformizado aos jogos e tem na Cruz de Malta, emblema histórico do clube, uma de suas simbologias sociais de referência.

Assim como em Cuiabá e no Rio, Walter fez em Dourados

aquilo que muita gente questiona e mitifica, que é não misturar ou discutir política, religião e esporte. Em seu catecismo pessoal e comportamental, o amor ao próximo e a boa vontade para o diálogo são seguidos à risca. Por isso não foi difícil construir uma história insólita em Dourados, ao presidir o Ubiratan e fazer parte da diretoria do Operário, ferozes arquirrivais entre si. Ubiratanense apaixonado, prestigiou o mandato do presidente Walter Brandão até sucedê-lo no cargo. Brandão, que é seu cunhado, foi vereador e antes dirigir o clube tinha sido roupeiro e técnico. O irmão, Wilson Carneiro, também foi presidente.

Naqueles anos o futebol local tinha um celeiro de excelentes atletas. No campo da Leda (Liga Esportiva Douradense) brilhavam astros como Mauro, Kleber, Manteiga, Piper, Varela, Omenélio, Euzébio, Bitu, Careca, Sabará, Coutinho, Foguinho, Joazinho e até o célebre goleiro Mão-de-Onça, os irmãos Saldivar, os irmãos Faker e outros. Walter foi vice de Décio Rosa Bastos. Assumiu a presidência quando as portas se abriam para a profissionalização. Na direção do clube, Walter fez sede e estruturas como as do futebol de campo e salão. Quando seu amigo Milton José de Paula presidiu o Operário, foi relações públicas da diretoria. Acima da paixão clubista, pairou o amor pelo esporte e também a determinação de cooperar com a projeção do futebol de Dourados no cenário estadual.



Walter Carneiro e a imagem de São Benedito, na Igreja de São Benedito, em Cuiabá



Carinho do vovô Walter e vovó Elizete, netinhos e netinhas são os modelos do convite



Walter Carneiro e a esposa, Eliseth, em frente à Igreja de Sao Benedito



Imagem de São Benedito de Cuiabá, na entrada da chácara com o nome do santo, em Dourados



Rei Walter Carneiro e Rainha Cely Coelho durante celebração na Festa de São Benedito



Primeira carteirinha de sócio geral do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, expedida em 1963



Walter Carneiro, vascaíno de coração



Walter Carneiro e seu grande amigo e eleitor Jose do Norte



## Capítulo XIII - Olhares de longo alcance

Walter Carneiro entrou naturalmente no ambiente político em Mato Grosso do Sul. Não era de todo inexperiente, quando recebeu os primeiros empurrões, dados pelo irmão Wilson Benedito Carneiro, o primeiro desta família de cuiabanos a desembarcar em Dourados. Quando terminou o curso de Medicina Veterinária, em 1967, boa parte dos seis anos que passou em Niterói, na Universidade Federal Fluminense, foi dedicada ao ativismo na política estudantil. Era presidente do Diretório Acadêmico do curso nos meados dos anos 1960, um dos períodos mais mal-humorados do regime militar. E apesar de não criar situações que despertassem reações virulentas das forças de segurança, demonstrou coragem, capacidade de liderança e inteligência para conduzir uma organização acadêmica que estava entre os segmentos mais visados pelo regime.

Em terras douradenses, mesmo recém-chegado logo foi conquistando amizades e abrindo portas para incursões iniciais na profissão e, em seguida, nos negócios. Sua seriedade e o semblante de aparência solene escondiam um ser afável e cordato, articulado e pronto para conversar e trocar ideias. Wilson, conhecedor destas qualidades, enxergou longe – viu que o irmão poderia ir além dos limites das convivências profissionais e sociais. E o instigou a construir um espaço político. Wilson havia chegado no sul de Mato Grosso designado para ser o primeiro exator de Dourados. Era um homem respeitável, visionário, empreendedor. Em pouco tempo tornou-se uma figura imprescindível nas iniciativas locais pelo desenvolvimento. Só não quis enveredar pelos trilhos tortuosos das disputas eleitorais, embora acompanhasse atentamente e participasse dos acontecimentos políticos.

Abrigado no PSD, Wilson chegou a ser indicado para con-



correr nas eleições municipais de 1962. Mas a ideia não vingou, ele optou por seguir nos seus papéis na vida civil. Mesmo depois de seu falecimento, diversas homenagens continuam sendo prestadas a Wilson Carneiro e familiares. No dia 22 de fevereiro de 2022, ao comemorar o 73º aniversário da Brigada Guaicurus, o Comando da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, de Dourados, reverenciou a Família Carneiro. O Exército prestou a homenagem a Wilson Benedito Carneiro e sua esposa, Maria Florézia Pessoa Carneiro, dando o nome do ilustre cuiabano-douradense ao carro de combate M-41C, uma viatura histórica. Em 1966, o casal benemérito doou 33 hectares de terra de sua propriedade para que a Brigada instalasse a sede do comando e o quartel. Compareceram àquele ato o ex-deputado estadual Walter Carneiro e esposa, Elizete Vieira Carneiro; três irmãos de Wilson – Adenil, Azenil e Adail Carneiro – e o sobrinho, Walter Carneiro Júnior.

Wilson já havia sido condecorado pelo Exército, em 1982, com a Medalha do Pacificador. Uma placa de bronze no Pavilhão de Comando da Brigada tem, gravada, a gratidão da Arma, que o reconhece como “Colaborador do Exército”. Presidente do Sindicato Rural de Dourados em 1972, Wilson Carneiro tem seu nome na lista de identificação das ruas do Parque de Exposições João Humberto de Carvalho. No Jardim Santa Brígida, em Dourados, outra homenagem está no Centro de Educação Infantil Municipal (Ceim), denominado “Wilson Benedito Carneiro”.

No artigo “Os Cuiabanos Daqui”, publicado em 14/09/2007 pelo **site** do jornal “Dourados Agora”, o advogado criminalista e jornalista Isaac de Barros Jr escreveu: “O nosso primeiro coletor estadual nomeado, Wilson Benedito Carneiro, na intimidade dos seus familiares cuiabanos, alcunhado como Nhonhô, foi um homem do tempo em que o governo não tinha o entendimento atual, que governar é criar impostos. Por seu desempenho empreendedor e sua visão para os negócios particulares, foi convidado a ingressar na carreira política e não quis. Ainda assim, estimulou seu irmão o dr. Walter, a tornar-se parlamentar. Este, se elegendendo deputado

estadual, foi presidente da Assembleia Legislativa do Mato Grosso do Sul e o autor do texto constitucional de Lei que criou na cidade de Dourados a sede da Universidade Estadual”.

: Contemporâneos de faculdade em terras fluminenses, Walter Carneiro e seu cunhado, José Elias Moreira, só foram se conhecer quando já estavam diplomados e moravam em Dourados, em busca de oportunidades. Não eram os únicos naquela situação. Havia mais jovens “estrangeiros”, recém-formados de outros estados, que decidiram vislumbrar novos horizontes no sul de Mato Grosso. Eram os 10 brapazes que formaram o Cibol (Clube de Integração Bolinha-Luluzinha).



Homenagem da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada a Wilson Benedito Carneiro - Foto ACS



Wilson Benedito Carneiro e a esposa Maria Florezia, doador da área onde hoje está situada a Quarta Brigada Mecanizada, Brigada Guaicurus.

## Capítulo XIV - Amorosa e Renovada Cumplicidade

Para se desincumbir de tantas responsabilidades que lhe caíam nos ombros e dar a cada uma delas a melhor das resoluções, o cuiabano que cresceu tocando sino na Igreja de São Benedito e querendo ser músico na banda do mestre Inácio, encontrou fôlego, inspiração, repouso e energias extras em fontes humanas e espirituais, sublimadas em suas reservas de reconhecimento. Tratou suas jornadas com a segurança e os valores adquiridos de berço, no lar e no torrão natal; na fé cristã e no impulso amoroso dos pais e familiares, das muitas, boas e incentivadoras amizades. E a vida lhe acrescentou, como joia raríssima, o lastro de uma família em que a combinação de bênção e afeto, instinto e inteligência, fornece todas as respostas para que se dissipem as dúvidas e se declarem os sorrisos, para o apascentamento das dores e a consciência de que se é possível viver os próprios sonhos, podendo tocá-los.

No centro irradiador desta realidade assoma a luz de uma mulher, aquela a quem Walter Carneiro dedica o melhor de seus sorrisos, de seus carinhos e de sua gratidão – na verdade, o melhor do seu amor. De família tradicional – seu avô, Fermino, está entre os fundadores de Dourados –, Elizete Vieira de Matos não poderia imaginar que fosse cair nas graças – e engrajar-se também – de um “estrangeiro” saído da longínqua Cuiabá, recém-desembarcado no sul de Mato Grosso. Eis que o destino aprontou das suas e promoveu acasos para o cruzar de caminhos.

O País vivia sua tormentosa transição dos anos 1960-70. O interior brasileiro ainda procurava assimilar os impactos das mudanças causadas pelo movimento militar de 1964. Dourados desde então era uma urbe que se desenhava em projeções futuristas. De vocação sublinhada para o progressista, conciliava ambições contemporâneas com a preservação de características interioranas

e alimentando culturas tradicionais, mormente pelas ricas tradições de um povoado que moldou seu perfil e sua personalidade na composição de costumes variados, porém consistentes, como os de povos originários, especialmente os índios, e das migrações oriundas do Sul, Sudeste, Norte-Nordeste e do vizinho Paraguai. O jovem e idealista médico veterinário, embora debutando na profissão e com pouco tempo de morada no município, já abria horizontes diferenciados nas relações do território político e social.

A entrega disciplinada aos objetivos de acumular conhecimentos e firmar-se na atividade profissional consumia quase todo o seu tempo útil. Mas a essência cristalizada da sociabilidade, um realce destacado no perfil dos mato-grossenses, deu a ele a condição de inventar uma agenda que lhe permitiu experimentar os apelos sadios da juventude, construindo e ampliando amizades e saboreando outros prazeres, principalmente o futebol, a música, os bailes e o cinema. E foi num desses encontros de familiares e amigos que se deu a primeira aproximação, o despretensioso colóquio entre o cuiabano e a douradense. Despretensioso, sim, porque logo após o primeiro e educado aperto de mão nenhum dos dois poderia supor que as flechas do Cupido estavam sendo disparadas, sutilmente, porém certeiras.

Até descobrir o “algo mais” que os uniria para sempre, Walter e Elizete precisaram passar por um período de ajustes e amadurecimentos pessoais e profissionais. Ele, iniciante, na profissão, tinha voltado de Uberaba, para onde foi ao ser contratado pela Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ). Ela, que havia morado até os 12 anos em uma fazenda da família, encarava na cidade douradense o desafio de lutar pela realização de seus sonhos, estudar e trabalhar. Queria fazer – e fez – o curso Normal para ser professora, além de trabalhar durante algum tempo no Banco da Bahia. Os dois jovens tinham em comum o gosto por música, bailes e cinema. Passaram a sair com os amigos e, de dança em dança, foram ficando mais próximos.

Naqueles bons tempos, Dourados tinha alternativas nobres

para o entretenimento, como o Clube Social e os cinemas Santa Rita e Ouro Verde (mais tarde veio o Ouro Branco). Era tudo que os namorados queriam. No clube e nas brincadeiras dançantes dançava-se e ouvia-se muita coisa, do rock e da Jovem Guarda às músicas instrumentais e samba-canções.

O namoro passou a ganhar forma e conteúdo definitivos. Em 1972 ele aceitou o convite para ser candidato a vereador pela Arena (Aliança Renovadora Nacional), uma das duas agremiações do bipartidarismo político instituído pelo governo militar. A Arena dava sustentação ao regime, enquanto o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) fazia a oposição. Walter Carneiro fez sua primeira e vitoriosa campanha eleitoral, determinado a firmar-se na vida pública e sem abrir mão de constituir uma família, tendo Elizete ao seu lado.

E assim tem sido, nestes 50 anos de uma convivência iniciada em 1970 e que, quase quatro anos depois, seria coroada com as bênçãos cristãs e a lavratura civil. Em 20 de dezembro de 1973, sob uma frondosa árvore, Walter pediu a mão de Elizete ao sogro e o surpreendeu ao avisá-lo que o casamento aconteceria no mês seguinte. No dia 19 de janeiro de 1974 o filho de João Benedito Carneiro e Lidia Pereira Carneiro e a filha de Alfredo Vieira e Ercília Vieira uniam-se pela poderosa aliança matrimonial. Da união nasceram quatro filhos: o advogado Walter Benedito Carneiro Jr, casado com Ana Luiza e pai da Manuela; a odontopediatra Grazielle Vieira Carneiro Borba, casada com José Borba e mãe de Eduardo e Pedro; João Alfredo Vieira Carneiro, auditor do Tribunal de Contas do Estado (TCE-MS), casado com Jenifer e pai de João Antônio e Guilherme; e a turismóloga Kassilene Vieira Carneiro Cardadeiro, casada com João Alexandre Cardadeiro, mãe de Sofia e Maria.

Walter sempre afirma, reconhecido, que é de máxima amplitude a presença de Elizete Carneiro na sua história pessoal e política. Se fosse traduzir este significado, diria que ela, com sabedoria e sensibilidade, se distribuiu incansavelmente nos dife-

rentes papéis da mulher-esposa, mãe, avó, conselheira, relações públicas, enfim, uma companheira moderna, organizada, atenta, de olhar contemporâneo e sensível, que concilia e, prazerosamente, sem murmúrios nem angústias, trata serenamente das responsabilidades nem sempre simples e pacíficas que desafiam o casal.

Na soma de tantas qualidades, acrescidas de uma índole generosa e atenciosa, cristã e religiosa praticante, Elizete e Walter formaram entre si, em cinco décadas, uma relação de amor que procura renovar-se ano a ano, alimentando-se de ingredientes que se pontuam na cumplicidade, no respeito e na verdade. De uma elegância sem afetação; discreta, sem ser introspectiva; comunicativa e afável, ela deu ao marido as respostas fundamentais e adequadas a alguém que passou quase metade de sua existência, muitas vezes fora de casa e doando-se ao mundo, exercitando fôlego, paciência e a capacidade de falar, propor, estudar, dialogar e decidir.

Participativa e dinâmica, antes do casamento ela já procurava inteirar-se das coisas que envolviam Walter nas trincheiras profissionais, sociais e políticas. E mesmo desposada por um homem de expressiva posição social e política, nunca cedeu ao deslumbre e às vaidades. Elizete – que teve como indutora para campanhas políticas uma amiga da família, Geni Milan, esposa de Milton Milan, seguidora do PSP (Partido Social Progressista), do governador paulista Adhemar de Barros –, foi desde o primeiro dia a grande parceira e motivadora na vida pública de Walter. Na Dourados de então, as campanhas programavam comício todo dia e o município tinha 10 distritos: Itahum, Picadinha, Panambi, Douradina, Bocajá, Vila São Pedro, Vila Vargas, Indápolis, Guassu e Angélica. Elizete se desobrava para cuidar das questões domésticas e depois fazer a campanha. Era um faz-de-quase-tudo, desde distribuir santinhos, promover reuniões e outras ações. Só não se dava com microfones, mas não se negava a pedir votos para o marido quando provocada a fazer uso da palavra.

No intenso e movimentado histórico de relações e eventos sociais e políticos, a postura de excelência do casal tem total reconhecimento da população, considerado um dos mais perfeitos anfitriões. Personalidades de expressão de diferentes cenários que provaram desses predicados fizeram questão de elevar tal deferência, como Paulo Maluf, líder político e ex-governador paulista, amigo pessoal, e a eterna “Garota de Ipanema”, Helô Pinheiro.

Na alegria e na tristeza, em todas as horas, o compromisso de fidelidade e companheirismo, selado no ritual de matrimônio, foi testado e aprovado inúmeras vezes. E a fé caminhou no mesmo compasso. Quando nasceu o terceiro filho, o médico George Takimoto proibiu Elizete de engravidar novamente. Ela concordou, porém, com ressalvas, avisando que se quisesse o quarto rebento removeria a cirurgia para tentar a quarta gestação. Um ano depois veio a quarta gravidez. Da caçula Kassilene. Realizava-se o sonho de ter quatro filhos, dois casais. O médico chegou a dizer, brincando, ao confirmar a gravidez, que rasgaria o diploma por entender que após a laqueadura não daria essa notícia. Para a emocionada Elizete, no entanto, a crença cristã e a fé em São Benedito garantiriam esse presente.

A paixão de Walter e dos quatro filhos pelo Vasco da Gama não é compartilhada com igual intensidade pela esposa. Sem queda por futebol, ainda assim ela os acompanha, torcendo juntos durante os jogos. Contudo, na cozinha as receitas têm no casal dois apaixonados. As culinárias nativas – sedutoras, como as de Cuiabá e das mesclas culturais douradenses – são fontes de poderosa instigação do paladar, sem tirar de cena pratos mais sofisticados. No entanto, a comida simples tem a preferência, a começar por um ritual que alimenta o organismo e o coração apaixonado: todos os dias, logo ao levantar-se uma das primeiras coisas que Elizete faz é levar guaraná ralado com mel para o amado.

Adoram churrasco, peixes e os bolos que ela faz.

Elizete nunca fez e não faz de sua participação na vida de



Walter um papel protocular, clássico. São, estes dois seres, dentro ou fora do lar, protagonistas de seu tempo. Combinam-se. Articulam-se. Um sempre sabe do outro. Esta sintonia deu a ambos as lições e as experiências que, forjadas no amor, explicam a possível durabilidade de um matrimônio físico e espiritual.



Casamento de Walter Carneiro e Elizete



Em evento social, Walter Carneiro com a esposa Elisete e a modelo e empresária Helô pinheiro, a Garota de Ipanema



Namorando e dançando, Walter Carneiro e Elisete construíram seu sonho



Walter carneiro e a esposa, Elizete, com Paulo Maluf



Walter Carneiro e a esposa, Elizete, durante viagem de férias



Walter Carneiro e Elizete com os filhos e filhas João Alfredo, Grazielle, Kassilene e Walter Benedito Jr



Walter Carneiro e o filho, João Alfredo



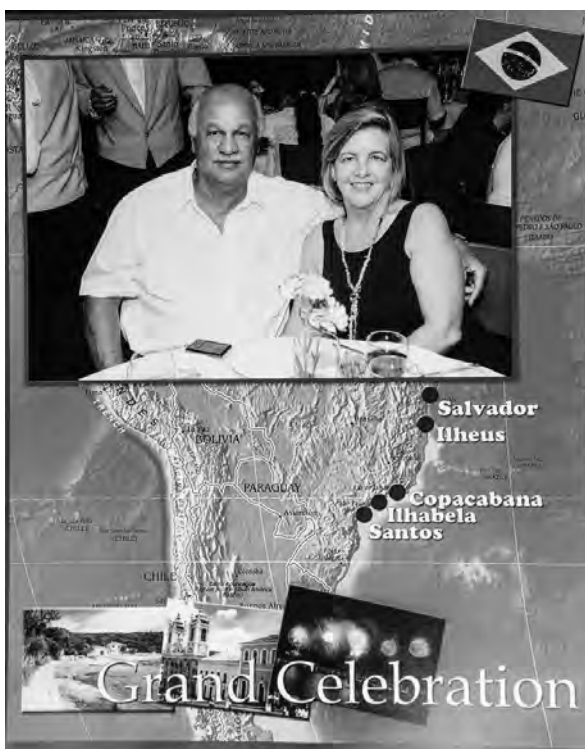
Walter e Elizete em baile de galanos anos 1970



Walter e Elizete no início do namoro



Walter, Elizete e família - só falta o filho João Alfredo



Walter e Elizete, carimbando mais uma viagem pelo litoral



Walter Carneiro e Elizete com filhos e netos em sua casa - Julho de 2022



Jóias familiares de Walter Carneiro, a esposa Elizete e dois dos seus netos

# HOMENAGENS/OUTORGAS A WALTER BENEDITO CARNEIRO

Em 25 de janeiro de 1982, pelo decreto 52.064, foi agraciado com a investidura no grau de Comendador da Ordem do Ipiranga, outorgado pelo Governo de São Paulo.

Em 11 de novembro de 1992 foi agraciado pela Câmara Municipal com o título de Cidadão Douradense, indicado pelo vereador Walter Brandão da Silva.

Em 04 de outubro de 1985 recebeu da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra a certificação pela IV Convenção Nacional dos Adesquianos, realizada no Rio de Janeiro.

No dia 23 de setembro de 2021, a população de Juti, por meio do prefeito Gilson Cruz, homenageou com uma placa o ex-deputado Walter Carneiro, autor da Lei nº 800, de 14/12/1987, que criou o Município. A placa tem a seguinte inscrição: “Em nome do excelentíssimo senhor prefeito Gilson Cruz, a Prefeitura Municipal de Juti presta essa merecida homenagem ao senhor Walter Benedito Carneiro, por reconhecer seu gesto de grandeza e discernimento com a Lei Estadual nº 800, de 14-12-1987, de sua autoria, aprovada pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, que criou o nosso pujante município. Para nós agentes públicos e para a população jutiense é uma honra muito grande agradecer tão importante e visionária personalidade pública que, com sua sabedoria, contribuiu para a emancipação de nosso município”.

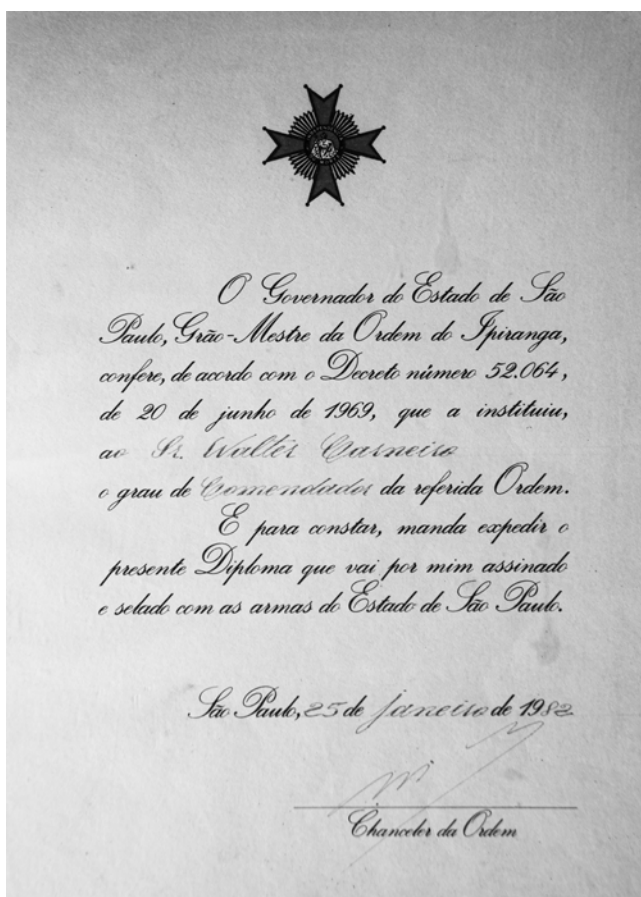
No dia 25 de junho de 2019, em uma sessão especial, a Assembleia Legislativa comemorou os 40 anos da primeira Constituinte de Mato Grosso do Sul, promulgada em 13 de junho de 1979. Com um selo comemorativo, a Casa rendeu homenagens aos protagonistas daquele feito histórico, entre os quais o ex-deputado estadual Walter Carneiro.

No dia 19 de setembro de 2019 a Universidade Estadual de



Mato Grosso do Sul (UEMS) homenageou Walter Carneiro, autor da emenda constitucional que criou a instituição. Ao lado de outras personalidades, ele foi agraciado com um diploma de honra ao mérito e um selo comemorativo dos 25 anos da universidade.

No dia 08 de agosto de 2014, durante sessão especial para celebrar os 20 anos da Universidade Estadual (UEMS), a Assembleia Legislativa homenageou 16 pessoas, entre as quais o ex-governador Pedro Pedrossian, que a idealizou e a implantou, e os ex-deputados Walter Carneiro – autor da primeira emenda constitucional criando a instituição – e Roberto Razuk, que subscreveu com Walter a mesma emenda para garanti-la na Constituinte de 1989.



Certificação da Comenda no Grau de Comendador da Ordem do Ipiranga, concedida a Walter Carneiro pelo Governo de São Paulo



Certificado de Serviço Relevante, do Conselho Federal de Medicina Veterinária



Um dos títulos honoríficos de Walter Carneiro, o de Cidadão Douradense, indicação do vereador Walter Brandão



Walter Carneiro tem diplomação de curso expedido pela Escola Superior de Guerra, a ESG2



Walter Carneiro, maçônico, da Loja Cinquentenária, de Dourados

# A DEFESA DO PANTANAL DE MATO GROSSO DO SUL

Em 1981 um fortíssimo clamor popular de Mato Grosso do Sul ecoou no País, em protesto contra um poderoso grupo econômico que pretendia escancarar o Pantanal para a indústria sucroalcooleira. Então líder de Pedro Pedrossian, o deputado Walter Carneiro oficiou ao governador informando que a Assembleia Legislativa estava para votar um projeto de preservação ambiental fechando a região pantaneira às indústrias. E enfatizou, no ofício, que, mesmo liderando a bancada, não a induziria a negar quórum no dia da votação para neutralizar o projeto.

Walter foi categórico ao salientar a força e a legitimidade da pressão popular. O ofício foi enviado em 16 de novembro de 1981. Em 12 de fevereiro de 1982, Pedrossian enviou à Assembleia o Projeto de Lei 003/82, dispondo sobre a proteção e a preservação ambiental do Pantanal e proibindo a instalação de destilarias de álcool ou usinas de açúcar nesse bioma. Com isso, estava protegido daquelas ameaças um dos maiores e mais importantes ecossistemas do planeta.



Cuidar da saúde é prioridade para o atleta Walter Carneiro



Um dos grandes amigos em afetuoso abraço, o saudoso Nelson Trad

# DEPOIMENTOS

*“A gratidão é uma forma singular de reconhecimento.  
E o reconhecimento é uma forma sincera de gratidão”.*

**Alan Vaszatte**



**SENTIMENTOS** “Eu fui o último governador eleito do Estado pré-divisão do velho Mato Grosso, o primeiro senador do Mato Grosso do Sul e duas vezes governei o Mato Grosso do Sul. Mas o que mais mexia realmente na minha emoção e nos meus sentimentos é quando eu falava em universidade. Quando perguntam: ‘o que é que você fez?’ Eu digo: Universidade! O resto é resto!”

*(Pedro Pedrossian, em 2013, em um vídeo comemorativo dos 20 anos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Uems)*



**REINALDO AZAMBUJA** *(ex-Governador de Mato Grosso do Sul, ex-prefeito de Maracaju, ex-deputado estadual, ex-deputado federal e ex-presidente da Associação dos Municípios de MS)*

“O nome de Walter Carneiro é um dos orgulhos de Mato Grosso do Sul, com importantes e decisivas contribuições para o desenvolvimento e o futuro do Estado. Foi assim como médico veterinário, vereador, deputado. Como político, desde a Assembleia Constituinte foi um agente público de rara sensibilidade e visão. Fez a leitura de demandas fundamentais, como o projeto de criação da Universidade Estadual, a nossa UEMS, e de iniciativas com foco no municipalismo e na valorização das pessoas, na cidadania. Um homem do bem, um democrata, cuja biografia é um exemplo para as diferentes gerações”.



**ANDRÉ PUCCINELLI** (*ex-deputado, ex-prefeito, ex-governador*)

“Desde quando entrei na vida pública, como secretário estadual de Saúde, a minha convivência com o Walter Carneiro foi muito boa. Ele defendia a sua Dourados e região de forma incisiva. E depois, ao me tornar deputado estadual em meu primeiro mandato, em 1986, ele estava indo para o terceiro. É uma pessoa que te olhava nos olhos, tratava contigo e cumpria. Walter Carneiro foi e é meu amigo. Eu prezo muito sua família. Ele atuou na propositura da criação da Universidade Estadual, com sede em Dourados, e que depois foi subscrita por outros deputados. O que eu sei do Walter Carneiro: uma pessoa de bem, uma pessoa correta, uma pessoa de palavra”.



**MURILO ZAUTH** (*vice-governador, ex-deputado federal, ex-deputado estadual, ex-prefeito de Dourados*)

“É uma honra comentar sobre Walter Carneiro. Sua figura se mistura com a minha em Dourados. Logo que cheguei, engenheiro recém-formado e participando de um projeto educacional. Ele era vereador e teve um papel muito importante para que a gente pudesse hoje estar instalado aqui, um local aonde construímos a Unigran (Universidade da Grande Dourados). Ele trabalhou para a Câmara aprovar o projeto de instalação da Unigran. O Zé Elias tornou-se prefeito, trabalhei no governo dele como engenheiro e o Walter foi eleito deputado. A gente criou uma boa relação, que é bem antiga. Ele desempenhou um papel fundamental no Estado, com os governadores, sobretudo junto ao Pedro Pedrossian, conseguindo trazer várias obras para Dourados. Foi presidente da Assembleia

Legislativa e conseguiu com o governador fazer o estádio de futebol e os investimentos que tivemos foi por meio desta grande liderança que Dourados teve, um presidente da Assembleia. Como é importante isso para uma cidade, uma região, ter uma liderança assim. Contribui muito. Ele fez constar na nossa Constituição que fosse criada uma universidade estadual com sede em Dourados. E hoje temos a sede da UEMS em Dourados. São marcas indeléveis, que ficam para a população, não para ele. Serviu bem ao Estado, com dignidade, com honradez, e saiu da vida pública de cabeça erguida, pela porta da frente. Hoje isto está muito difícil, os políticos estão muito desgastados”.



**AKIRA HOMMA** (*cientista, médico-veterinário, infectologista, presidiu a Fiocruz, um dos 50 mais influentes da indústria de vacinas do mundo, amigo e colega de faculdade de Walter Carneiro*)

“Walter Benedito Carneiro nasceu em Cuiabá e está cumprindo 80 anos de vida. É um homem estudioso e trabalhador. Enquanto estudava, trabalhava nas lojas, até que se formou. Em vez de voltar para Cuiabá, sua terra natal, foi para Dourados, aonde fez sua carreira como veterinário, com muito sucesso. Porque é inteligente, perspicaz, perseverante, enfim, todos os adjetivos que se pode colocar para um profissional que conquistou seu lugar. Foi, inclusive, juiz de raças zebuínas. Para isso é preciso ser muito sensível e perspicaz, saber os detalhes do animal. Ele foi um juiz muito conhecido na região. E além disso foi um político brilhante, com várias legislaturas”.





**SEVERINA SILVA** (*chefe do Cerimonial da Assembleia Legislativa e servidora do Poder desde 1979*)

“Para nós, sul-mato-grossenses, Walter Carneiro tem uma importância enorme. O título escolhido para este livro é uma realidade, um histórico que precisava ser contado. Mas, considerando o que fizeram os demais, o nosso ex-deputado e ex-vereador

fez coisas singulares. Uma delas, que considero a principal, e me desculpem os outros que tiveram benefício com algumas ações dele, foi realmente não ter desistido de um sonho maravilhoso: depois de negada a possibilidade de criação da Universidade Estadual, a nossa UEMS, Walter Carneiro insistiu de punho forte. E escreveu a mão, na caneta, a emenda constitucional criando esta beleza que é hoje a nossa universidade. Ele atuou firmemente na defesa da autonomia do Legislativo e da boa relação entre os poderes, além de defender e fortalecer os mandatos. Foi atencioso e sensível com os funcionários e manteve sempre as portas abertas para a sociedade. Obrigada Walter Carneiro, obrigada Benedito, obrigada Cordeiro”.



**CECÍLIO DE JESUS GAETA** (*ex-vereador, ex-deputado estadual, colega de Walter Carneiro na legislatura 1979-82*)

“O Walter é um dos grandes amigos e colegas com quem compartilhei meu segundo mandato, num tempo em que a política era coisa séria, não era um negócio vergonhoso. Era feita com coragem, amor, desprendimento e a vocação verdadeira para defender o interesse público.

E o Walter tinha várias qualidades: leal, inteligente, capaz, responsável, decente. Presidiu com rara competência o Legislativo, foi líder do governo e sempre um amigo dos amigos. É um dos grandes nomes da vida pública do Estado”.



**VAÍLTON COUTINHO DE ALENCAR**  
(*pecuarista, empreendedor, ex-dirigente bancário*)

“Conheci a família Carneiro em 1960. Era do Banco Agropecuário de Campo Grande e fui abrir em Dourados a quarta agência. Conheci Wilson Benedito Carneiro, que era exator, depois abriu lá o Posto Márcia e foi representante da Wolksvagem naquela época. Eu me casei e fui morar na Rua Dr Nelson de Araújo, em frente à casa do Wilson. Então conheci o Walter, que era registrador da ABCZ. Eu já era criador de nelore. Fizemos amizade, estávamos sempre juntos. Ele é uma pessoa especial, em tudo: na política, na família, nas amizades, no esporte e no cristianismo. É um dos maiores e mais belos exemplos de vida pública que nós temos. Todos precisam conhecer a história e a pessoa de Walter Carneiro”.



**PAULO ROBERTO CAPIBERIBE SALDANHA**  
(*advogado, ex-deputado estadual e copnselheiro aposentado do Tribunal de Contas de Mato Grosso do Sul*)

“Conheci Walter Carneiro em 1971, quando fui morar em Dourados para abrir uma representação da Mercedes Benz. Primeiro, conheci o Wilson Carneiro. Logo tornei-me amigo do Walter. Entramos na política. Ele foi ser vereador e eu deputado estadual, em Cuiabá. Conheci também o seu cunhado, o ex-prefeito Zé Elias. Éramos da Arena. O partido apoiava a revolução, mas era dividido em três correntes, a 1, a 2 e a 3. Eles passaram a seguir a liderança do Dr Pedro Pedrossian, da Arena 2. Mesmo assim nunca deixamos de ter estima um pelo outro e confiança. Eu sabia que estava lidando com gente de bem. Uma lembrança boa dessa época foi ter conhecido

Walter Carneiro e sua família. Depois houve a divisão do Estado. Fui o último presidente da Assembleia Legislativa do Estado uno, o último dos moicanos. O primeiro presidente no Sul foi o Londres Machado, a maior liderança de direita do Estado. Tive a honra de receber a visita dos dois quando estive internado no Hospital do Coração, em Dourados. Toda a vida admirei a grandeza, o tratamento fino, a educação e a postura de Walter Carneiro. Eu não tenho o que reclamar dessa gente, só tenho que aplaudir este livro e dizer que tal responsabilidade é muito grande, porque se escreve sobre um grande homem”.



**JUSSIRA NEVES** (*servidora da Assembleia Legislativa há 35 anos*)

“É uma honra prestar homenagem e agradecer a quem me concedeu o privilégio de trabalhar no início da minha carreira. Ele, sendo um deputado constituinte, trouxe muitos progressos para o Estado, tal como a Universidade, a UEMS, e muitas outras iniciativas de seus três mandatos. É um excelente ser humano, esposo, pai, avô, amigo exemplar, políticos que tem credibilidade e é respeitado por todos. Em 1977, minha família deixou o Paraná e veio recomeçar a vida em um distrito de Dourados. Minha mãe era professora e procurava trabalho. Chegou ao vereador Walter Carneiro, que a recomendou e ela começou a dar aulas. Mas meu pai faleceu em 1980 e nós viemos para Campo Grande. Em 1986 coleí grau no ensino médio e tive uma surpresa: o paraninfo era Walter Carneiro. Depois da formatura minha mãe foi cumprimentá-lo, junto comigo. Soube que eu estava desempregada e disse que tinha uma aga em seu gabinete. Estou há 35 anos na Assembleia e sou grata a ele por esta oportunidade que mudou, para melhor, a minha vida e a vida da minha família”.



**JOÃO NATALÍCIO DE OLIVEIRA** (*jornalista, empreendedor*)

“Político honesto! Ele sabe diferenciar amizade de política. Tanto é que foi um grande amigo e participou de um partido adversário meu. Aprendi a conviver com ele e sua família. Eu tenho um grande amigo na política que é o Londres Machado. Mas o político, a personalidade, o respeito como político e amigo se chama Walter Carneiro. Pela conduta que ele teve como amigo com minha família e meus amigos. Se um dia ele voltar a ser candidato terá muito voto em Ponta Porã. Dá alegria e satisfação falar sobre Walter Carneiro, a pessoa com quem convivi em Dourados, em Campo Grande, na Assembléia Legislativa. Uma pessoa honesta, íntegra e amiga dos amigos”.



**ARTHUR JORGE DO AMARAL** (*escritor, poeta, ex-vereador e ex-deputado estadual, colega de Walter em duas legislaturas*)

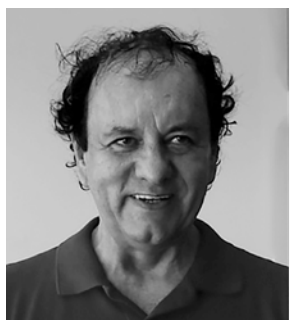
“Conheci o Walter quando ele era vereador. Eu era secretário da Prefeitura de Glória de Dourados (1967-70 e 1973-77). Fui candidato a prefeito lá e o Zé Elias em Dourados. Municípios próximos, a ligação entre as pessoas era fácil. E nós ficamos do mesmo lado na política, a favor do governador Garcia Neto, do Zé Elias. Tínhamos identificação e presença nos municípios da região, como Angélica, Glória, Deodópolis, a convivência partidária na Arena. Fomos colegas em duas legislaturas. Na segunda, ele foi eleito presidente. Com isso pudemos conhecer a fundo a personalidade dele. Bastante solidário com os colegas, não deixava de mão a autoridade dele, mas era mui-

to humano com todos. Isso nos cativou muito. Tornou-se líder da bancada e sempre nos conduziu muito bem. Fez bem seu papel na profissão e na política, criou bem os filhos, tem uma família exemplar. É uma pessoa que nos serve de exemplo”.



**JOÃO LEITE SCHIMIDT** (*ex-deputado federal e estadual, membro dirigente do PDT e conselheiro aposentado do Tribunal de Contas*)

“Walter é uma pessoa magnífica, um bom chefe de família, um bom político. Cuiabá não esqueceu dele, até hoje ele é festeiro lá e nós, embora já divididos territorialmente, temos verdadeira admiração. Eu, pessoalmente, gosto muito do Walter Benedito Carneiro, confio nele e se ele quisesse vir para o PDT seria uma honra muito grande para mim”.



**CARLOS ROBERTO DE GÓES MACHADO** (*advogado, servidor público*)

“O Dr Walter Carneiro é sua família são como se fossem da minha família. Na primeira campanha, ele tinha uma kombi velha e problemática, com um alto-falante e eu de locutor. Saía pelos bairros de Dourados e região, eu era inexperiente, fazendo campanha pra ele, que era muito querido na região. Por meio de um cunhado, Luiz Nogueira, fui chamado para ser assessor dele na Assembleia. Fiz outra campanha, com um ônibus para os deslocamentos. Era o “Carneirão”. Esse ônibus tinha som potente, fazia um barulhão na cidade. O Dr. Walter era

uma pessoa muito boa no gabinete e fora dele. Recebia e atendia todo mundo. Nos oito anos que trabalhei com ele nunca o vi se alterar. É uma pessoa que carrego no meu coração”.



**JERICÓ VIEIRA DE MATOS** (*diretor financeiro da Assembleia Legislativa*)

“O Walter é uma pessoa que faz parte de Dourados. É cuiabano, mas pra nós ele é douradense. É um irmão, um amigo, uma pessoa de trato fino, que se adapta às amizades e convive como irmão. Ele foi presidente da Assembleia, segundo vice, líder do governo Pedro Pedrossian. O Pedrossian era exigente e escolheu o Walter por ser pessoa de trato fácil, que aglutina. Era preocupado com a Educação. Prova diso está aí, todo mundo sabe a história da Uems. Tinha a fala fácil, discurso fluente, convincente. Pra ser líder de governo não se pode achar que se sabe tudo e que se pode tudo. Tem que resolver problemas. E um problema se resolve não criando outro. Uso a palavra sem medo de errar: aglutinador. Na condição de veterinário, atuava de maneira muito forte. Fazia parte do pessoal do gado zebu, fez parte da ABCZ. Era empresário, tinha sua loja, seu trabalho. Foi vereador, conhecia e conhece os problemas, as demandas locais. Sabia sempre o caminho a trilhar. Criou distritos e municípios, uma forma de induzir ao progresso. O político não produz progresso, é um indutor. E ele foi uma das pessoas que contribuíram e até hoje contribui para que Dourados e regiões possam progredir”.



**ANTONIO BOSCO DA COSTA** (*engenheiro eletricitista, empresário, presidiu a Enersul de 1989 a 1994*)

“Em 1979 entrei na Enersul. Engenheiro recém-formado, 22 anos. Meu chefe, Messias de Oliveira, me designou para trabalhar em Dourados. Cheguei lá em 1980. Na primeira semana ouvi um barulho vindo na rua, um movimento e um som em alto volume em um ônibus gigante. Perguntei o que era aquilo e alguém me disse que era o Carneirão, um ônibus que prestava serviços para as pessoas. Era o ônibus do Walter Carneiro, que conheci logo em seguida. Passaram-se 40 anos e ele é o mesmo: simples, amigo dos amigos, sabe e gosta de servir, pensa primeiro na sociedade. É um homem de ideal, algo muito raro hoje. Fui dezenas de vezes à festa dele, de São Benedito. Se existe na vida uma coisa que tem que ficar, é nossa história. E só pode ser contada em biografias. Nosso caminho, nosso rastro é a coisa mais importante que deixamos para a história, o futuro e a formação deste País de 500 e poucos anos. Os caminhos que Walter percorreu devem ser registrados. E o mais importante dessa caminhada, o grande detalhe de sua biografia: ele é o pai da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Uma obra, uma semente daquelas, plantada pelo Walter e concretizada pelo governador Pedrossian, gera frutos para sempre. Tive a honra de, em 1994, estar presente no Douradão, com o Dr Pedro, momento dos mais bonitos da minha vida, o lançamento da Uems. E isto só foi possível porque estava na Constituição, na lei do Walter. Só isso aí e não precisa falar mais nada”.



### **WILLAMS ARAÚJO** (*jornalista*)

“Conheci Walter Carneiro, então presidente da Assembleia Legislativa, pro meio do meu sogro, uma liderança política influente da época, Zé do Norte. Só tenho a agradecer a Deus pela oportunidade de ser amigo de um político exemplar, lembrado por suas grandes obras e ações em favor de Dourados

e de Mato Grosso do Sul. Por sua causa milito na profissão de jornalista, desde meados de 1990. Trabalhava na prefeitura de Dourados e após mais de oito anos fui demitido por questões políticas. A partir daí comecei a escrever no semanário O Jornal, de Édio Carneiro Pedroso, um sobrinho do Dr Walter. Eu o acompanhava em suas viagens como uma “espécie” de cabo eleitoral e assessor de imprensa. Cheguei a ser nomeado por ele para o cargo na Assembleia Legislativa. Também foi por causa dele que iniciei militância na Juventude do Partido Trabalhista Brasileiro, da qual fui vice-presidente. Foi quando fiquei fã de seu trabalho como parlamentar dedicado e visionário, a exemplo do governador Pedro Pedrossian, aos quais o sul-mato-grossense é grato até hoje por terem criado a UEMS, com sede em Dourados. Ao apresentar a emenda constitucional que resultou na criação da UEMS, ele deixou um grande presente para a eternidade, para o polo universitário que é a região da Grande Dourados e também para todo Estado. Eu e um amigo, Oslon de Barros, presidente da JPTB, íamos de escola em escola entregando os livros de autoria do deputado, “Exercício de Democracia I” e “Exercício de Democracia II”. A gente se reunia em sua chácara, São Benedito de Cuiabá, para festinhas políticas e de aniversário de família. Nossa única divergência é que sou torcedor do Botafogo e ele do Vasco, assim como todos de sua família. É um político que fez história”.





**SULTAN RASSLAN** (*radialista, ex-vereador, ex-deputado*)

“Walter Carneiro é um cidadão de honra. É simpático, agradável, honrado. Foi professor na Escola Menodora Fialho, é fácil ver a paixão dos alunos por ele. Excelente educador, é um craque na profissão de veterinário. Todos a quem prestou serviço atestam o quanto é eficiente, sensato, correto e de atitudes

limpas. E a família dele também é isso aí, é a cara dele. A honra e a dignidade fazem parte de cada passo desta família, desde o irmão mais velho até ele, caçula dos homens. Foi vereador comigo e líder do seu grupo político. Grande companheiro, sério, correto. Fomos eleitos deputados. Fez um trabalho excelente, ele pela Arena e eu pelo MDB. Era meu adversário político. É um cidadão de honra, digno. Nós nos dávamos muito bem porque tínhamos o propósito comum de fazer o bem pela nossa região, nunca a custo de imoralidade e corrupção. Seus passos são limpos, corretos, e é casado com uma moça de Dourados, filha de pioneiros”.



**ROSA PEDROSSIAN** (*empresendedora, filha do ex-governador Pedro Pedrossian*)

“Walter Carneiro pertence a um grupo seleta de amigos, que conheci dentro de casa. Esse grupo proporcionou ao meu pai uma carreira continuada. O papai se ausentava muitos anos e acabava retornando, porque ele tinha um grupo pequeno de amigos que estavam com ele e participavam da mesma filosofia de

vida, preocupado com o desenvolvimento do Estado, não com a política antiga. Eles quebraram todos os alicerces que mantinham esse estado atrasado, aquelas antigas oligarquias que não mudavam o **status quo** e queriam que tudo continuasse como estava, porque assim

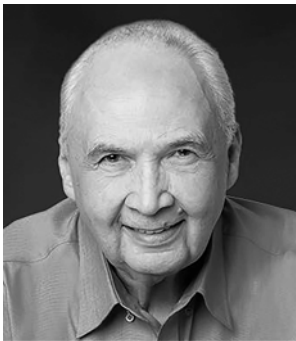
poderiam mandar muito tempo. Até chegar um jovem, engenheiro, líder da antiga Noroeste do Brasil, que veio realmente mudar a mentalidade das pessoas, fazer desabrochar um estado promissor. Contou para isso com um grupo de pessoas que, como ele, acreditavam nisso. Walter Carneiro foi especialmente um partícipe dessa caminhada com o governador, da história do meu pai. Como líder do governo ele foi um dos poucos que trabalharam sintonizados com o governador sintonizado e as necessidades do governo. Um trabalho brilhante, era um companheiro de todas as horas e nunca deu dor-de-cabeça. Em relação à Universidade, desde que foi eleito pela primeira vez ele dizia que só faria as transformações necessárias por meio da Educação. E ele não apenas fez as universidades, que estavam na estratégia de desenvolvimento. Foi coisa pensada. Ele queria que as novas gerações e as inteligências que existiam aqui não fossem mais exportadas para São Paulo, Rio de Janeiro. E o Walter, embora um Cuiabano boa praça, era um amante da cidade que ele adotou, Dourados. E ele puxou sardinha para Dourados, colocou no projeto de lei que a sede seria em Dourados. E o governador prontamente comprou esse projeto, porque ele entendia também que para aquela região se firmar como polo de desenvolvimento era muito importante que uma universidade fosse implantada lá.

Meu pai me contou a história de quando sobrevoou o Estado pela primeira vez na campanha, num monomotor, com minha mãe e um piloto do tio Nino, que cedeu o avião. Ele deu esse primeiro giro meio zozzo, porque virou candidato com 35 anos, engenheiro jovem, entusiasmado, cheio de ideias. No segundo giro, ele já entendia que havia condições de ganhar. E disse que ouvia a mesma coisa em todo lugar [**sobre universidade**], as pessoas diziam que não tinha como fazer nada aonde moravam, que o Estado era muito pobre, que ninguém nunca fez porque não tinha como fazer. Mas se lembrou de ter chegado aonde chegou – era diretor da Rede Ferroviária – porque tinha um diploma. Então quis implantar a universidade, pois sabia que com isso outros líderes viriam. Essas universidades deram independência ao povo daqui, cabresto não existe mais”.



**ZÉ TEIXEIRA** (*deputado estadual com sete mandatos, produtor rural*)

“Cheguei em Dourados em 1962. E tive o prazer imenso de conhecer a família Carneiro. Seu irmão mais velho, Wilson Benedito Carneiro, era exator. E ele recém-formado médico veterinário. E eu, pecuarista. Tivemos uma boa convivência. Ele se casou com uma moça da família Vieira, lá do Guassu. Naquela época não havia lavouras como hoje, de soja, trigo. Era algodão, milho. Em certo momento ele resolveu ser candidato a deputado estadual. Era pessoa bem conceituada, de bons princípios. Eu me recordo de ter votado nele na sua primeira eleição. É uma pessoa fantástica, de boa convivência. Temos uma sólida amizade. Nunca deixamos que fosse cortada esta relação próxima de amizade, de respeito e de consideração”.



**LONDRES MACHADO** (*político com maior número de mandatos em Mato Grosso do Sul: 13, sendo um de vereador e 12 de deputado estadual*)

“Avaliar a importância do trabalho do deputado Walter Carneiro durante seus três mandatos é **chover no molhado**, uma vez que seus feitos de grande relevância já estão registrados neste livro em diversos momentos. Quero frisar a importância do trabalho deste nobre ex-deputado para o Mato Grosso do Sul nos dias de hoje, passados 30 anos após o término do seu último mandato. Volto a 1979, quando tudo começou. Estávamos naquele ano criando a Constituição da recém-criada Unidade da Federação. Eu presidia a Assembleia Legislativa, quando o deputado Walter Carneiro apresentou o pro-

jeto de emenda à Constituição Estadual em que criava a Universidade Estadual em Dourados. A cidade clamava por faculdades. Na tramitação, o projeto foi rejeitado por unanimidade pela Comissão Constitucional, sob a alegação de que o projeto deveria ser apresentado como lei ordinária e não ser colocado na Constituição Estadual.

Não se dando por vencido, e estrategicamente, Walter conversou separadamente com cada deputado e conseguiu com a maioria as assinaturas para que o projeto fosse apresentado em plenário. E eu, o presidente, o incluí na pauta por entender sua relevância. Dessa forma, Walter conseguiu sua vitória com a aprovação de 12 dos 18 deputados que compunham a Assembleia Legislativa à época, e inseriu o artigo 190 da nossa Constituição Estadual, que diz: **Fica criada a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com sede na cidade de Dourados.**

Hoje, posso dizer, a vitória do deputado Walter é a vitória de todo o nosso amado e próspero Estado, pois atualmente a Universidade Estadual (UEMS) está instalada em 15 municípios distribuídas em todas as regiões, com mais de 30 cursos de graduação e 13 de pós graduação, inclusive a Faculdade de Medicina em Campo Grande. Agora, dirijo-me especialmente ao meu amigo: Walter temos muito em comum, somos de uma mesma geração, nascidos com apenas nove dias de diferença. Temos filhas com o mesmo nome, viemos da mesma região, fomos presidentes da Assembleia. Você sempre me apoiando e eu a você, pois você foi um político habilidoso, criterioso e justo, um orador eloquente e excelente articulador. Sinto-me muito honrado por termos sido companheiros de jornada. Um grande político deve, acima de tudo, ser um grande homem e ter a responsabilidade do seu mandato com seu povo no presente e no futuro. Você é um grande homem e foi um grande político. Mato Grosso do Sul jamais esquecerá a sua grandiosa contribuição. Seu feito visionário estará para sempre registrado em nossa História”.



**ALDAIR CAPATTI DE AQUINO** (*advogado, ex-diretor-geral do Detran-MS, ex-diretor-geral legislativo*)

“Além dos benefícios que seu trabalho gerou para todo o Estado, o Walter foi um norte para mim e minha família. Quando eu estava no Detran e perdemos as eleições, eu teria que deixar o cargo. Ele ia concorrer à presidência da Assembléia e me ligou, dizendo que seria presidente do Legislativo e me queria ao seu lado. Isso marcou pra mim. Fui e cheguei a diretor-geral legislativo. No geral, ele é um ser humano correto e generoso. É esta a sua marca maior. O Walter deixou um grande legado para Mato Grosso do Sul, um deputado que, na época, era um líder de projetos. Ele já chegava no gabinete com um projeto. Para o Estado ele foi essencial, sobretudo naquela época de criação de novos municípios, de distritos, de universidades”.



**UILSON MORALES** (*jornalista, empresário*)

“Conheci Walter Carneiro quando ele era vereador, em Dourados. Eu era repórter do Jornal da Manhã, de Campo Grande. Nossa primeira conversa foi sobre o agronegócio. Criamos uma relação, passamos a conversar outras vezes, ele também era veterinário e juiz de exposições agropecuárias, tinha grande conhecimento na área e era muito ligado ao setor produtivo. Para minha surpresa, na segunda legislatura da Assembleia, recebi o convite para ser o assessor de imprensa. Foi um trabalho bastante produtivo. Ele levou muito a sério a representatividade do cargo. Ele instituiu, entre outras iniciativas, a homenagem aos municípios, às terças-feiras, uma vez por mês. Outro destaque de seu mandato foi a criação da Universidade de

Mato Grosso do Sul com sede em Dourados. Fez vários pronunciamentos para defender esta proposta. Foi uma defesa intransigente da importância da universidade. A UEMS hoje é realidade, está presente em 28 municípios e o trabalho dele foi fundamental como presidente da Assembleia. Fizemos também vários livretos chamados “Exercícios de Democracia”. Eram pronunciamentos do Walter Carneiro sobre problemas estratégicos e estruturais, a questão democrática, a importância do legislativo. Pesquisávamos esses temas e transformávamos seus discursos em material impresso. Ele foi um dos primeiros presidentes que se destacaram valorizando o poder legislativo, fortalecendo a instituição, o papel dos deputados estaduais no fortalecimento da democracia e do poder como caixa de ressonância da vontade popular. Em 17 de agosto de 1983 ele foi à tribuna para defender um programa especial para a agricultura no Estado. Era algo inovador na época. Ele apresentou números e dados para defender a importância do fortalecimento da agricultura para um Estado novo e insipiente, que precisava de um programa especial”



**LUCILO LIBÂNIO “NONÔ” DE SOUZA** (*topógrafo, empresário, líder católico e festeiro de São Benedito*)

“Eu e o Walter somos amigos desde criança em Cuiabá. Lembro-me dele pedalando aquela bicicletinha no Bairro Baú, indo pra escola, pra igreja. Nós fomos coroinhas juntos. A gente ajudava o padre Teodoro. Ele sempre foi cristão fervoroso, uma pessoa responsável, honesta, estudiosa. Era tranquilo, nunca foi de farra, de bagunça. Eu não via o Walter em festas, a não ser nas festas dos santos católicos, principalmente de São Benedito, que ele participa todos os anos. No ano retrasado, antes da pan-

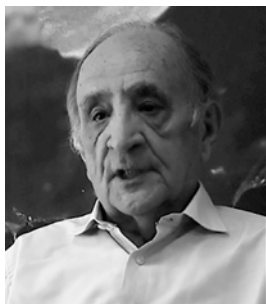
demia, eu sugeri que o Walter fosse o rei da festa. A pandemia impediu fazer no ano passado, mas foi feita este ano, com todos os cuidados, e o Walter, como sempre, estava lá, com a esposa. E ele todo feliz, como rei da festa, que ele ajudou a construir. Nós tínhamos outras atividades, até na política, a gente acompanhava, ele engatou com a UDN. Estamos esperando por ele no ano que vem, a festa vai ser melhor ainda, com a igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito fazendo 300 anos”.



**FÁBIO EDIR DOS SANTOS COSTA**  
(*professor, ex-reitor da UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul*)

“É brilhante e emocionante a história que a nossa universidade e o nosso estado têm com o deputado Walter Carneiro. Ele foi o proponente da emenda constitucional que criou a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Na época da criação do Estado ele teve a nobre iniciativa de incluir na Constituição Estadual a criação da UEMS. Pedro Pedrossian, à frente do governo, também aceitou a proposta. Mas, de modo especial, vale frisar o que houve na Assembleia Legislativa, no momento em que tudo aconteceu. No ímpeto das discussões, os deputados abordavam a importância de dar a um Estado forte e pulsante uma universidade estadual também forte, à semelhança do que Pedrossian havia feito quando criou a UEMT (Universidade Estadual de Mato Grosso), que depois foi federalizada e tornou-se a nossa UFMS. Então, na Constituinte de 1979, nos últimos instantes antes da votação do texto constitucional sem a proposta, o deputado Walter Carneiro, de imediato, não perdeu a oportunidade. Teve a iniciativa brilhante, genial, um ato único de lucidez: de próprio punho, pegou uma folha de papel, rascunhou a proposição e a entregou à presidência da Assembleia. Foi uma oportunidade única que a gente não poderia ter perdido naquele

momento. Quando friso esta expressão, **a gente**, refiro-me ao povo de Mato Grosso do Sul. A proposta é lida no plenário, e no calor daquele momento ela é acatada por unanimidade. Depois vieram a redação final e outros dispositivos pertinentes, mas a iniciativa, a ideia foi dele. É para ser parabenizado o deputado Walter pela condução desse processo. Em duas sessões solenes de comemoração aos aniversários da UEMS, tive com a instituição a grata honra de homenagear e reconhecer a sua iniciativa, entregando a ele um diploma e uma medalha. Mato Grosso do Sul tem uma universidade com a cara do Estado. Está interiorizada, com sede em Dourados, 15 unidades próprias mais 15 polos em educação à distância. Tem alunos dos 79 municípios. Oferece vários projetos de pesquisa, de ensino e extensão, na área de inovação programas de Pós-graduação, Mestrado, Doutorado, cursos de graduação. Temos ações com mais de 30 países em parceria. É tão grande e tão pujante a história da nossa universidade! Tudo isso é fruto do trabalho de todos aqueles que construíram a Universidade ao longo desses anos, mas tem uma pessoa de uma mente brilhante e que teve uma iniciativa magnífica da altura da universidade. É um legado para as futuras gerações”.



**OSWALDO DUTRA** (*médico, ex-deputado estadual*)

“Acima de tudo, Walter Carneiro é um cidadão honesto, inteligente e trabalhador. No período que convivemos, a gente percebia que ele se dedicava a atender sua região e o Estado. Buscava, principalmente na área de Educação, que Dourados tivesse uma universidade. Eu o conheço desde moço. É digno de respeito e, sobretudo, um ótimo pai de família”





**GANDI JAMIL** (*empresário, ex-deputado estadual e ex-deputado federal*)

“Definir Walter Carneiro é definir um homem de licitude ímpar na vida pública e pessoal. Foi meu grande professor quando entrei na política. Ele e o deputado Zenóbio Neves dos Santos. Eram os que mais conheciam o Regimento Interno. Eu era

um deputado estadual muito novo, tinha apenas 23 anos. O Walter não hesitava em orientar, emprestar sua experiência e sua serenidade para enfrentar os desafios da rotina parlamentar, que não é nada fácil. Tive o prazer e o privilégio de sucedê-lo na presidência da Assembleia Legislativa, com seu apoio e seu empenho. Tem uma vigorosa envergadura moral e cultural. Sempre respeitou os colegas e todas as pessoas, por isso é também respeitado”.

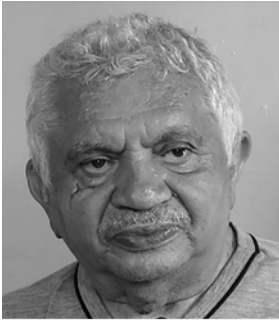


**GEORGE TAKIMOTO** (*médico, foi vice-prefeito de Dourados, vice-governador, deputado federal e deputado estadual*)

“Tenho todas as melhores impressões deste homem a quem conheci e com quem venho convivendo como amigo e na política há cerca de 50 anos. Walter Carneiro eu conheci fazendo bem aquilo a que se propôs: ser um bom médico-

veterinário, um bom homem público, um bom desportista e um bom praticante da fé cristã, além, evidentemente, de ser um excelente pai de família. Fizemos muitas coisas juntos para beneficiar a população, tanto da região de Dourados como em todo Estado. Ele tem marcas singulares em seu protagonismo, como a criação da Universidade Estadual, a UEMS, e a criação de distritos e municípios, iniciativas que impactam positivamente no crescimento

de Mato Grosso do Sul. É um cidadão competente e dinâmico, responsável, de indiscutível probidade, um dos grandes nomes da vida pública do Estado”.



**SÉRGIO CRUZ** (*ex-deputado estadual, ex-deputado federal, escritor, radialista e jornalista*)

“Conheci o Walter na década de 1960, em Dourados, por meio de um de seus irmãos, o Wilson, que tinha um posto de combustíveis na esquina da rádio em que eu trabalhava. Tinha um irmão dele que foi escrivão de polícia, que eu conheci porque frequentava a delegacia, ia fazer as matérias policiais para a emissora. Anos depois que saí de Dourados, reencontramo-nos como deputados constituintes na implantação de Mato Grosso do Sul. Tivemos uma convivência muito boa. Aliás, esta era uma característica daquela Assembleia, mesmo com todo aquele processo que foi o atentado contra a minha vida. E eu sempre tive a solidariedade dos deputados. O Walter, como uma das figuras de maior influência, foi um companheiro durante todo esse tempo. Ele estava sempre na linha de frente, comportava-se muito mais como amigo que propriamente como um deputado. Éramos de partidos diferentes, ele um líder situacionista e eu o líder de oposição. No meu caso houve sim, um corporativismo muito grande, apesar da interferência do governo. E foi quando o governo resolveu abrir mão da posição intransigente [a tentativa de cassar seu mandato]. Foi um alívio para todos. E foi aí que conheci melhor o Walter. Nossas divergências nunca passavam do Plenário, começavam e terminavam ali. O Walter era um conciliador, ele e o Zenóbio dos Santos. Faziam essa tabelinha. Eles impediam de vez em quando que as discussões saíssem do público para o pessoal, eram os apaga-fogo, tinham

muita autoridade. Ele foi líder do governador Pedro Pedrossian, tido como meu principal adversário, e a gente não tinha dificuldades de convivência. Tanto que eu fui para a Câmara dos Deputados e nossa convivência continuou do mesmo tamanho. O Walter era uma criatura que abria espaços e até hoje a gente convive bem, mantendo a velha e boa amizade”.



**ADÍLSON TRINDADE** (*jornalista, analista político, advogado*)

“Uma das marcas de Walter Carneiro, um de suas contribuições históricas, ele pôs com as mãos, o manuscrito que criou a Universidade Estadual (Uems). Com seu próprio punho, a caneta, ele incluiu na primeira Constituinte de Mato Grosso do Sul, em 1979, a criação da Uems. Com sede em Dourados. E a Uems

levou 14 anos pra ser implantada, já pela segunda Constituição, a de 1989. Aquela primeira emenda do Walter foi incorporada. Este é um dos legados que ele deixou. E veja o que é hoje a Universidade, o que ela representa, está bem avaliada. Muitas pessoas não sabem, às vezes o próprio acadêmico não sabe que tudo isso começou com o Walter, com a ideia dele, usando o próprio punho. Outra marca dele é a vocação municipalista. Criou municípios, como o de Juti, e distritos. Ele foi uma das grandes lideranças do maior colégio eleitoral do interior, Dourados, a cidade era muito politizada. O Estado era muito politizado. Por exemplo: Fátima do Sul, vizinha de Dourados, uma cidadezinha pequena, sempre teve dois deputados estaduais. Eram o Londres Machado e o manfredo Corrêa. Depois o Londres e o André Puccinelli. Glória de Dourados tinha o Claudinei Silva, que foi prefeito e deputado. E o Walter fez parte deste ciclo, de um dos melhores momentos da política de Mato Grosso do Sul. Os políticos eram idealistas. Quem

era MDB, era MDB. Quem era PDS, era PDS. Os políticos se digladiavam, no debate, mas se respeitavam. A memória tem que ser preservada. Um Estado sem memória não tem história. Nós precisamos disso. Eu posso saber de alguma coisa...mas, e nossos filhos? E nossos netos? Eles precisam ter conhecimento sobre o que era Mato Grosso do Sul. Quem vai contar a história do estado para eles? Pra contar essa história é preciso ter um registro. Muito feliz a ideia de fazer esse livro. Oportuno. Walter Carneiro ele ajudou a escever a história de Mato Grosso do Sul. E ele fez a história, foi um dos protagonistas.



**VANDER VERÃO** (*jornalista, analista político*)

“O deputado Walter Carneiro foi um dos políticos mais respeitados de Mato Grosso do Sul, principalmente com em Dourados, onde iniciou sua carreira como vereador, no início da década de 70. Um político leal e honesto que soube construir sua carreira sem polêmicas, sempre procurando o melhor para Dourados e o Estado. Exerceu o cargo de deputado estadual por três mandatos e presidiu a Assembleia Legislativa.

Isso mostra o seu poderio de liderança e prestígio. Walter Carneiro não tinha inimigos e transmitia confiança aos seus correligionários e, também, era respeitado por adversários partidários. Walter Carneiro era um verdadeiro político comprometido com os anseios da população. Um perfil que faz falta hoje no cenário sul-mato-grossense”.



**JOB DUARTE** (*advogado, assessor político e legislativo*)

“Eu morava em Dourados quando conheci o Walter Carneiro. Ele tinha uma loja de produtos veterinários e eu morava no quarto plano na Benjamin Constant, ao lado da casa do Zé Elias. Dourados era uma cidade na qual todo mundo conhecia todo mundo.

Eu advogava em Dourados com o João Beltran, fui secretário de Fazenda e Administração na gestão do prefeito Jorge Antonio Salomão. Em função desse desempenho e pela amizade que criamos ele me chamou para ser chefe de gabinete dele, que era presidente da Assembleia Legislativa, em 1983.

Voltei para Campo Grande e começamos a trabalhar juntos. Ele sempre foi um excelente político, sabia conciliar e coordenar as coisas, de boas ideias, estudioso da política, democrata, municipalista. Eu fiz Administração Pública. Minha especialidade é Direito Administrativo. Então, a gente analisava os projetos, ele recebia e ouvia os muitos prefeitos que vinham do interior e contribuía com iniciativas para, na medida do possível, ajudar esses municípios. O Walter tem uma família linda, esposo e pai exemplar. Afável, muito amoroso. O Estado precisa conhecer sua biografia.

Ele é um grande homem. Atuou na construção deste Estado, criou uma universidade, fez muita coisa. Realizou muitos benefícios para Campo Grande, Dourados e os demais municípios. Seu trabalho foi intenso, muito bom, tem que ser reconhecido. Não podemos esquecer aqueles que montaram nossa história!”



**CIDA BORGES** (*assessora legislativa*)

“Comecei a trabalhar na Assembleia Legislativa com o deputado Valdomiro Gonçalves. Teve um período, em 1980, que o deputado Walter Carneiro ficou sem secretária. Ele pediu ao deputado Valdomiropra que eu ficasse como sua secretária e isso durou 14 anos. E não foi nada progra-

mado. Quando ele foi diretor da Assembleia também fui sua secretária. Ele sempre foi muito preocupado com a área da educação e voltado para a vida pública. Um legado que fica eternizado para o Estado na área da educação é a UEMS. Foi um deputado que nunca deixou de atender a ninguém e com projetos sempre muito relevantes. E foi muito decisivo na política, com decisões, projetos e presença nas eleições. Vale a pena a biografia de um ser humano extraordinário. Era considerado sistemático, mas ao aproximar-se dele percebia-se a bondade e a generosidade. Ele sempre reconheceu os esforços daqueles que estavam ao seu redor. E a família sempre foi prioridade pra ele. A gente conseguia ver o ser humano, o político, o profissional veterinário, ou seja, quem ele realmente era em todas as esferas que participava”.



**JOSÉ PINHEIRO TOLENTINO** (*jornalista, cronista político, empreendedor*)

“Quando eu vim para o então Mato Grosso fui direto para Dourados. Havia um time de futebol, o Ubiratan, e eu fui ajudar a levantar capital para o clube, cujo presidente era o Walter Carneiro. O tempo passou, o Walter tornou-se deputado e naquela época eu sempre estava na Assembleia. Fiz

uma boa amizade com ele. Nós, jornalistas, temos esta vantagem

de conhecer todo mundo, fazer bons amigos e bons inimigos. E no jogo político ele foi um cara correto, fez uma boa administração. E eu digo o seguinte: ele tem um bom antecedente, o irmão, Wilson, que era coletor. O Wilson foi a base de todos”.



**LAÉRCIO DE CARVALHO** (*professor, doutor, reitor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Uems*)

“Sou reitor desta querida Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, a nossa UEMS, a Universidade do povo sul-mato-grossense. Desde a sua criação nós tivemos um avanço muito grande, seja na interiorização do ensino superior,

seja na qualificação dos nossos professores, dos nossos técnicos administrativos e na expansão, levando a educação pública gratuita, de qualidade e inclusiva para todo Estado. Atualmente, estamos em 15 unidades físicas e também polos de educação à distância. São aproximadamente 10.000 alunos de graduação e pós-graduação, mais de 1.100 servidores, 14 mestrados, dois doutorados e cerca de 20 especializações em andamento, proporcionando aos sul mato-grossenses e também ao nosso país uma educação de qualidade.

A sociedade de Mato Grosso do Sul se orgulha de ter essa universidade. É com muita gratidão que eu, enquanto reitor, representando toda a comunidade acadêmica, todos os que aqui estudam e os que já passaram por aqui – mais de 20 mil alunos – temos este sentimento de gratidão. Estamos agradecendo a todos os criadores dessa universidade que passaram por aqui, em especial o deputado estadual Walter Carneiro. Ele nos brindou, no punho, não é? Como se dizia na época: no punho, essa referência, esse marco da história de Mato Grosso do Sul. A universidade é muito importante para o Estado, vem atendendo toda a sociedade, as comunidades tradicionais, com seu processo de inclusão de cotas para negros, para indígenas, para

os sul-matogrossenses. Com o sentimento de gratidão quero deixar aqui o meu abraço e as lembranças do passado e frisar que a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul vai bem e que a população reconhece todo o trabalho que vem sendo feito”.



**DIMAS BRAGA** (*jornalista, cronista social*)

“Conheci o Walter Carneiro em 1979. Eu estava iniciando a carreira, no Jornal Tribuna, e me colocaram como repórter de campo para aprender o mecanismo do jornalismo. O que me impressionou foi que o Walter era bem pragmático. E uma pessoa proba. Hoje se vê exemplos nada republicanos de fisiologismo barato. Creio piamente

que Walter Carneiro é um dos últimos moicanos. Não se faz mais políticos como antigamente. Walter é uma pessoa afável, amigo dos amigos, vascaíno doente. Certa vez fui homenageado com ele pelo jornal O Globo, pelo colunista social Valtinho Magalhães. Muitas pessoas o conheciam lá fora por sua trajetória em Mato Grosso do Sul, uma das maiores expressões do Estado, de Dourados, com colégio eleitoral fincado e enraizado naquele lugar. Mesmo assim teve uma projeção muito grande no Estado, conquistou muitos campo-grandenses. É por isso que eu o admiro. Ele e o Londres Machado, sem desmerecer os outros, são os que mais conhecem de regimento interno e mais gostam dos servidores públicos. Funcionário público tem que ser respeitado e um dos fatores é que ele respeitava, valorizava, administrava com rara maestria a Assembleia e atendia bem a imprensa. Uma figura admirável, de intenso protagonismo social e religioso. É festeiro de São Benedito, de São João. As festas que ele faz até hoje em Cuiabá e em Dourados são maravilhosas. O conceito dele é de um grande político, mas também um bom amigo’.





**FERNANDO SOARES** (*jornalista, cronista social*)

“Walter Benedito Carneiro é um vencedor. Traz consigo diversos e fortes exemplos: de caráter, de responsabilidade, de talento e vocação para a vida pública e a convivência humana, de capacidade e de amor por valores e coisas essenciais, como a família, os amigos, o País. É um homem de olhar

humano e contemporâneo. Tenho por ele e por sua esposa, Elizete, um carinho especial. São sempre solícitos, humildes, sabem receber, adoram a boa conversa. Ele protagonizou capítulos que brilham nossa história em suas intervenções como profissional da Medicina Veterinária, atuando na etapa inicial de qualificação registral dos rebanhos bovinos, e na política, com mandatos de vereador e deputado estadual, autor da peça constitucional que criou a Universidade Estadual (Uems) com sede em Dourados. Além disso, é cristão, devoto e festeiro de São Benedito, e um grande desportista. Walter Carneiro é uma soma de elevadas qualificações e por isso tem o afeto, o respeito e a admiração de todo Mato Grosso do Sul”.



**JOSÉ ELIAS MOREIRA** (*ex-prefeito de Dourados, ex-deputado federal, ex-secretário estadual de Meio Ambiente*)

“O Walter começou como vereador, fazendo um grande trabalho no Legislativo de Dourados. Foi reeleito e depois foi ser um brilhante deputado estadual. Eu me encontro até com antigos funcionários da Assembleia e todos dizem que ele deixou saudades na Casa. E

isso nos honra muito, pois quando você apoia uma pessoa para disputar uma eleição ou um programa e ela cumpre, isso é honroso,

traz credibilidade. E o Walter tem credibilidade para sair às ruas, sobretudo em Dourados, e ser cumprimentado. É alguém que se andar nos bairros daquela época todos o convidam para sentar-se à mesa, conversar. Isso tudo foi ganho com o trabalho no Legislativo e na região, assim como seu irmão, o Wilson Carneiro, que era um grande líder, foi um grande companheiro. O Wilson e o Walter trilharam o caminho da honestidade, da hombridade, e estão aí, até hoje, na sombra do seu trabalho e do trabalho dos filhos, programas importantes para o desenvolvimento de Mato Grosso do Sul”.



**WALDEMIR MOKA DE BRITO** (*ex-vereador, ex-deputado estadual e federal, ex-senador*)

“Minha história com o Walter começou na minha campanha para vereador. Ele já era deputado, liderança forte, consolidada. Eu era professor no Objetivo Dom Bosco. Um dia meus alunos de cursinho escreveram no quadro negro que naquele ano haveria um grande embate eleitoral entre Walter Carneiro e Moka Brito. Era uma brincadeira, mas me fez prestar melhor atenção sobre o tamanho da disputa com o meu amigo Walter, uma grande liderança. Eu era governo e ele líder da oposição, juntamente com o Nelson Trad. Eram dois grandes oradores. E eu, chegando, líder do governo Marcelo Miranda, um governo difícil, que acabou muito mal. Sofri muito com aquela dupla. Lembro-me do Walter na tribuna, atacando duramente o governo, e quando eu ia contestá-lo, ele já bradava: “Quando vejo este jovem se dirigir ao microfone de apartes, eu digo que a única coisa que presta nesse governo, deputado Moka, é vossa excelência”. E a gente fazia o debate. Ele e o Nelson se revezavam, contra mim. Tinha vez que queria amanhecer doente pra não ir lá, encarar esses dois. O Walter sempre

foi um adversário duro, leal, pedrossianista roxo. O Walter era oposição, mas nunca impediu o avanço de projetos governamentais importantes. Aberto ao diálogo, um grande parlamentar, plural, um democrata. Aprendi com esse debate duro. Dos mandatos que exercemos juntos, tenho gratas recordações. Era excelente articulador político, sabia montar estratégias...e me criou muita dificuldade de este Sr Walter Carneiro”.



**ADIR CARNEIRO** (*irmã de Walter Benedito Carneiro*)

“Walter tinha 13, 14 anos, e já gostava de política. Gostava de subir no palanque e falava pelas crianças, todo mundo batia palmas. Daí ele foi se desenvolvendo, passou a ser coroinha na igreja. Ficou conosco até concluir o ginásio e o colegial e depois foi para o Rio de Janeiro, fez Veterinária e veio para

Dourados, onde já estava a família. Fez carreira de veterinário e entrou na política. Foi vereador, depois deputado estadual em três mandatos, presidiu a Assembleia e fez um grande trabalho, trazendo benefícios para o Estado e principalmente para Dourados e região. Em Dourados ele casou, tem quatro filhos maravilhosos. É um irmão muito presente, é o irmão mais velho, sempre junto em tudo que a gente precisa. Sua mulher é maravilhosa. Nossa família é muito unida, graças a Deus. Fomos criados com dificuldade, mas a minha mãe soube nos dar educação”

## IN MEMORIAM



**ARY RIGO** (*vice-governador, ex-deputado estadual, ex-chefe da Casa Civil*)

**Peça-Chave** - “Tenho com o Walter Carneiro uma relação que se elevou da política para o afeto fraterno, a amizade, de maneira muito rápida e forte. Eu atuava na área do agro-negócio, trabalhando com cooperativismo, e nessa vida eu o conheci como vereador, em

Dourados. Fazíamos alguns contatos em eventos e depois passamos a nos encontrar nas atividades políticas da Aliança Renovadora Nacional, a Arena, que era a base política do governo militar. Fomos eleitos em 1978 para formar a Assembleia Constituinte, encarregada de instalar o Estado de Mato Grosso do Sul e elaborar a primeira Constituição. Fomos colegas em três legislaturas, de 1979 a 1990. Quando comecei, não tinha experiência legislativa alguma. Aprendi muito com ele. Um homem sincero, leal, cumpridor dos compromissos, de diálogo fácil, um democrata por excelência. Ele presidiu a Assembleia e eu fui seu 1º secretário, numa gestão fértil, criadora, de grandes avanços.

O Walter garantiu a criação da Universidade Estadual. Eu era vice-governador e chefe da Casa Civil, o governador Pedro Pedrossian me telefonou e disse: ‘Rigo, vamos oficializar mais uma Universidade, para funcionar ano que vem e nós quebraremos mais uma perna do atraso para Mato Grosso do Sul caminhar na direção do futuro’. E o Walter era peça-chave nesse processo. O Estado e o país devem muito a ele por esta obra. Um municipalista dos mais convictos. Era um político que não tinha receio de dialogar com o futuro, qualidade que, com certeza, levou Pedrossian a convocá-lo para ser seu líder na Assembleia. Mesmo depois de deixar as disputas eleitorais, ele continuou comigo a fazer a política, a boa política, aquela que o tornou um dos mais respeitados homens públicos do Estado”.





[www.lifeeditora.com.br](http://www.lifeeditora.com.br)

Adquira mais livros agora mesmo em nosso site.



Esta obra foi composta em Electra impressa em  
papel Pólen Soft em maio de 2023.

**“Caros leitores, tenho certeza que a leitura desta biografia lhes trará a lembrança de momentos muito importantes, descritos e contados a partir da infância do biografado, até agora, e os farão acessar o conhecimento de fatos relevantes da história destes dois estados irmãos, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, pois a história do grande homem biografado, Walter Carneiro, é o retrato fiel de como as coisas aconteciam antes e logo após a divisão. Nossos jovens de hoje, sendo que muitos deles frequentam nossas Universidades, em especial a nossa UEMS, precisam conhecer esta história, para perceber que as dificuldades que hoje existem, já existiam, anteriormente, e que, nem por isso, as pessoas determinadas desistiam de seus sonhos.”**

### **Leocadia Aglaé Petry Leme**

**Professora, Secretária de Educação (1991/1994)**

**Reitora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Uems (de 1995 a 2003)**

**“Adentremos, então, à história desse homem que tanto contribuiu, e contribui ainda, com o desenvolvimento de Mato Grosso do Sul e cuja existência serve de motivação e inspiração para todos e que "testemunha do tempo" com todos divide generosamente o conhecimento e a experiência que lhe garantiram um lugar na história deste Estado.”**

### **Cleómenes Nunes da Cunha**

**Advogado (1963) - Deputado estadual em Mato Grosso por três legislaturas (1967/1979)**

**Consultor Técnico Jurídico da Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul (1979/2016)**

